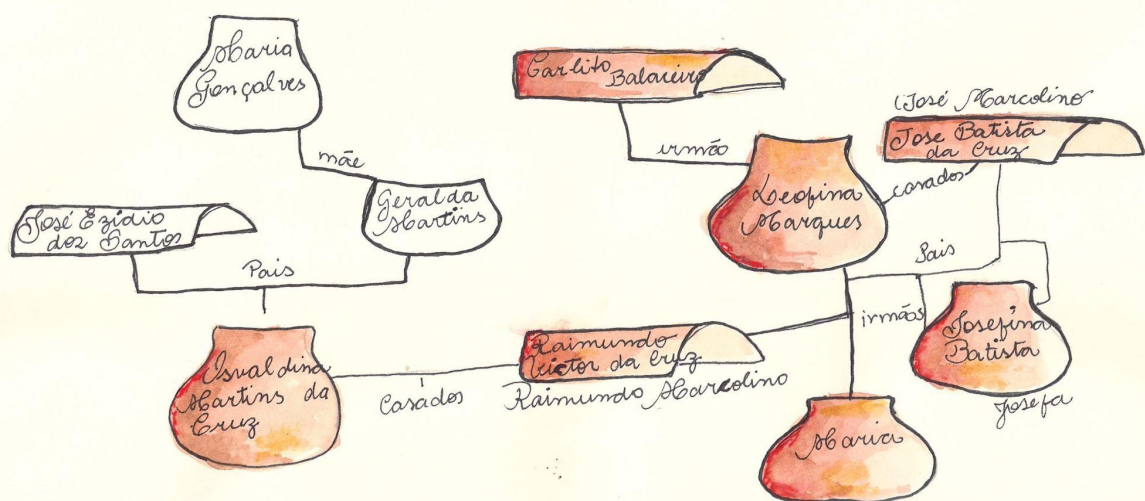


Em Busca de um Cheirinho de Terra: *Notas da pesquisa em imagens, prosas e versos*



Universidade Federal de Minas Gerais Faculdade de Educação - FAE Programa de Pós-Graduação: Mestrado profissional – Promestre – Educação e Docência – Linha de Pesquisa: Educação, Ensino e Humanidades.

Autoria: Silézia Ferreira dos Santos
Mestre em Educação e Docência — FaE/UFMG

Orientação:
Professor Dr. Pablo Luiz de Oliveira Lima

Projeto gráfico e criação da capa:
Silézia Ferreira dos Santos

Revisão linguística:
Ana Luiza Diniz de Carvalho

S237e

Santos, Silézia Ferreira dos, 1976-

Em busca de um cheirinho de terra [Recurso eletrônico] : notas da pesquisa em imagens, prosas e versos / Silézia Ferreira dos Santos. -- Belo Horizonte, 2023. 87 p. : enc, il., color.

[Recurso Educacional produzido em conjunto com a dissertação de mestrado da autora, com o título: Em busca de um cheirinho de terra [manuscrito] : estudo das memórias e das práticas dos saberes do barro e da cerâmica no município de Santana do Riacho -- MG / Silézia Ferreira dos Santos. -- Belo Horizonte, 2023. -- 114 f. : enc, il., color. -- Dissertação -- (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação. -- Orientador: Pablo Luiz de Oliveira Lima].

Orientador: Pablo Luiz de Oliveira Lima.

Bibliografia: f. 83-84.

Inclui glossário p. 85.

1. Educação. 2. Educação patrimonial. 3. Patrimônio cultural -- Estudo e ensino. 4. Memória -- Estudo e ensino. 5. Arte e educação. 6. Cerâmica. 7. Santana do Riacho (MG) -- Educação. 8. Santana do Riacho (MG) -- Artesanato.

I. Título. II. Lima, Pablo Luiz de Oliveira, 1978-. III. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

CDD- 350.85

Catálogo da fonte: Biblioteca da FaE/UFMG (Setor de referência)

Bibliotecário: Ivanir Fernandes Leandro CRB: MG-002576/O

PROMESTRE
MESTRADO PROFISSIONAL
EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA

FaE
Faculdade de Educação

UFMG
UNIVERSIDADE FEDERAL
DE MINAS GERAIS

A reprodução poderá ser feita sem fins lucrativos, por qualquer meio, desde que seja citada a fonte e o sítio da internet onde se encontram os originais da dissertação e deste recurso educacional:
<https://repositorio.ufmg.br/>



Dedico este trabalho a minha filha, Monice de Santos Morais, e desejo que continue a respeitar nossos ancestrais.

E à minha querida amiga Adriana Duarte (in memoriam) uma das incentivadoras desse trabalho.



Agradeco:

primeiramente a Deus.

Aos meus ancestrais, aos bisavós, aos avós, à minha mãe (Dova) e ao meu pai (Sinval) pela transmissão de seus valores, seus saberes e seus conhecimentos, os quais me trouxeram até aqui.

À mestra Osvaldina, mestra Josefa e mestre Raimundo Marcolino pelo carinho, pela generosidade e pela participação nesta pesquisa, sem a ajuda de vocês esse trabalho não seria concretizado.

Ao orientador, Pablo Lima, pela paciência, pelo incentivo ao me orientar neste trabalho, apontando-me a direção a seguir em momentos de angústia.

A todas as pessoas do Município de Santana do Riacho, as quais me confiaram um pedacinho de suas histórias, de suas memórias, que abriram suas casas para os registros de imagens e pelo compartilhamento de seus saberes. Sem a ajuda de vocês, neste trabalho conjunto, não teríamos conseguido chegar aqui.

A todos e a todas da comunidade da Mangabeira, especialmente à Mirene, Geralda Siqueira, Simonia Machado, Jader Batista, Patricia, Poliana, Gildete, Tina e aos membros e as membras da Guarda de Congado Nossa Senhora do Rosário pela parceria, pelo carinho e acolhimento.

Ao meu irmão Sérgio Ferreira, companheiro de andanças pelo município.

Sumário

Sobre a pesquisa e sobre a autora.....	6
Apresentação.....	7
Produto Educacional	8
Mapa-caminho.....	9
Santana do Riacho.....	14
Uma viagem para aprender sobre as vasilhas de barro e sobre as telhas.....	15
Nossas mestras e nossos mestres.....	21
Mestres das telhas	41
Uma viagem pelas casas tradicionais de terra.....	51
Um giro pelas manifestações culturais no município	64
Ouvindo o “mais velho”	79
Considerações da autora.....	82
Referências.....	83
Glossário	85
Informações e créditos das imagens.....	86





Sobre a pesquisa e sobre a autora

Esta pesquisa nasce da vontade de contribuir para a preservação da cultura e da memória do Município de Santana do Riacho (região da Serra do Cipó, Belo Horizonte, Minas Gerais) por meio do estudo científico. Por ter vivido parte de minha infância e o início da adolescência nesse lugar, apesar de morar em Belo Horizonte, entendo que minhas raízes estão nessa terra. Ao morar nessa terra, pude aprender muito através da transmissão oral e por meio de muitos saberes tradicionais.

Levando em consideração o fato de que sou neta e filha de homens que fabricavam telhas tradicionais, e de tanto ouvir as histórias sobre o ofício, herdei o interesse pelo barro. Graduada em Educação Artística — Escola Guignard e especialista em Ensino das Artes Visuais — Escola de Belas Artes-UFMG, tenho buscado na cerâmica tradicional o meu objeto de estudo no meu percurso como ceramista. Portanto, o presente trabalho investigou, num primeiro momento, os sujeitos detentores de saberes tradicionais referentes ao barro (cerâmica), pontuando sobre a existência das antigas fábricas de telhas artesanais, sobre as mulheres paneleiras, e também, sobre outros saberes da cultura local no decorrer da pesquisa.

Apresentação

Ao lembrar dos vestígios do forno de olaria de meu avô que evidenciaram a extinção das fábricas tradicionais de telhas cumbucas (as olarias de telhas), tantas casas de adobe (tijolos de terra) substituídas por casas de concreto e pela quase extinção dos saberes das paneleiras (mulheres ceramistas que fazem potes e panelas de barro), raizeiras, tecelãs, benzedeiiras e tanto outros saberes. Com isso, tenho me perguntado: o que sobrevive de saberes desse lugar? Onde estão guardados? Estão guardadas as memórias dos *mais velhos*? Como transmiti-las? Quem são seus detentores? Como preservá-los e registrá-los? E diante de tantas interrogações surge o questionamento norteador para a pesquisa: quais sujeitos detêm os saberes relacionados ao barro e à cerâmica no município de Santana do Riacho (Minas Gerais, Brasil)?

Com base em minhas observações empíricas, em minhas memórias e na fala de muitos moradores da região de que os “saberes antigos” estão desaparecendo, percebi a necessidade de fazer essa pesquisa, começando pela cerâmica. Pois, atualmente, são poucos os sujeitos, na região, que guardam os saberes do barro (alguns fizeram parte de minha educação, minhas memórias e minhas estórias).

No processo desta pesquisa houve a participação de muitos moradores contando as estórias, “causos” antigos, permitindo os registros fotográficos de suas casas, suas vidas no cotidiano, suas histórias. Por isso, trata-se de um trabalho com a comunidade em que envolve os temas relacionados ao barro, ao patrimônio, à memória, as manifestações culturais e à educação.



Produto Educacional

Este caderno virtual é o produto educacional da pesquisa intitulada de “Em busca de um cheirinho de terra: estudo das memórias e das práticas dos saberes do barro e da cerâmica no Município de Santana do Riacho”. Neste sentido, busca-se entender relações com o barro (argila) no processo de feitura das vasilhas de barro (objetos cerâmicos) nas extintas fábricas artesanais de telhas cumbucas, nas construções tradicionais de terra, na agricultura, entre outros. Com isso, destaca-se a importância das memórias e dos diálogos com os “mais velhos”, que são os guardiões da tradição da comunidade para a compreensão desses saberes tradicionais.

Além dos processos da olaria (feitura de objetos de barro), a pesquisa também aborda outras questões socioculturais no município. O material coletado e apresentado, aqui, de forma virtual, poderá ser integrado a exposições, debates e oficinas sobre o fazer da cerâmica.

Para essa investigação, foram registrados os processos de feitura das “vasilhas de barro” (objetos de cerâmica) desde a coleta do barro até a queima. Todo o processo foi baseado nos saberes das poteiras/panelas (mulheres que fazem potes e panelas de barro), mestra Osvaldina e mestra Josefa.

Também, foram registrados os relatos de pessoas que trabalharam nas antigas olarias, são eles: mestre Raimundo Marcolino e Sinval dos Santos (meu pai). Essa escuta teve como objetivo traçar uma memória coletiva sobre esse ofício (saber tradicional de fazer telhas), atualmente extinto no município.



Outra parte deste trabalho foram os registros de algumas casas tradicionais de terra ou casas de adobe da região, com o intuito de apontar o modo de vida ligado ao barro e à terra e o quanto esse modo de vida está caindo em desuso, diante das novas tecnologias e de aspectos socioculturais da vida contemporânea. Mas, sobretudo, com o intuito de evidenciar as casas tradicionais de terra que ainda estão ocupadas devido à ligação afetiva de seus moradores e por muitas dessas casas serem, ainda, suporte para telhas artesanais que estão em desuso e sendo substituídas pelas telhas industrializadas.

Ao divulgar este produto educacional, acredita-se que o mesmo possa servir, primeiramente, à comunidade local, reforçando a ideia de pertencimento, identidade e valorização dos seus costumes. No campo da educação, possa servir também de material didático para tratar de temas como patrimônio material e imaterial, cerâmica, memória e práticas dos saberes tradicionais. Assim, a(o)s professoras(es) de Artes Visuais e outras áreas afins podem vir a encontrar maior abertura para adotarem as vasilhas de barro (cerâmica) em suas práticas nas salas de aula, com o intuito de perpetuar e fortalecer esse saber no município.

Alguns dos objetivos deste trabalho foram: a) Compreender os saberes e práticas tradicionais que se relacionam ao barro e ao modo de se fazer cerâmica (vasilhas de barro), bem como seus entrelaçamentos com outros saberes tradicionais no município de Santana do Riacho; b) Investigar e registrar o modo de vida dos sujeitos, ouvir suas experiências e suas memórias;. c) Promover o intercâmbio entre saberes tradicionais, educação, artes e comunidade do município referido.





Mapa-caminho do barro

O mapa-caminho trata-se de um trajeto que fiz durante essa pesquisa. O principal objetivo dessas andanças por esses lugares foi buscar informações sobre as vasilhas de barro (cerâmica) e por vestígios das antigas fábricas de telhas.

Durante essa jornada vi belas paisagens, encontrei pessoas que me contaram suas histórias, suas memórias e que me receberam em suas casas. Com isso, revivi a cultura da minha terra.

Nas páginas a seguir, constam um pedacinho de tudo que experimentei durante essa viagem pelo barro e por essa terra, em forma de textos, imagens e versos.





Mapa caminho do barro. Fonte: caderno de pesquisa da autora (2022)

Em um passado não tão remoto, em Santana do Riacho, a olaria (técnica de fabricar objetos de barro) esteve presente em nosso cotidiano, fazendo parte da cultura e da tradição. Os objetos de barro estiveram presentes nos telhados nos protegendo da chuva, conservavam a água fria nos potes, nas pirungas (botijas, moringas), talhas e no preparo e conservação dos nossos alimentos, por meio das várias panelas: panela de guardar carne e gordura, panela de cozinhar feijão e panelas de tamanhos variados.

Enfim, o saber ligado ao barro foi essencial para a manutenção de nossas vidas no campo e foi transmitido de geração em geração. As pessoas que transmitiram esses saberes são guardiãs de um tesouro, a maioria delas pertence a gerações anteriores à nossa, são eles: nossos pais, mães, tios e avós, os quais são também os nossos mestres.

Enfim, o saber ligado ao barro foi essencial para a manutenção de nossas vidas no campo e foi transmitido de geração em geração. As pessoas que transmitiram esses saberes são guardiãs de um tesouro, a maioria delas pertence a gerações anteriores à nossa, são eles: nossos pais, mães, tios e avós, os quais são também os nossos mestres.

Aqui, em Santana do Riacho, muitas vezes ouvimos as locuções: “os mais velhos sabem disso, isso vem desde dos antigos”. Essas locuções referem-se ao tipo de conhecimento transmitido pela oralidade, ou seja, que vem da tradição, dos nossos antepassados.

Neste sentido, autora Ecléa Bosi (2003, p. 15) diz que “a memória dos velhos pode ser trabalhada com um mediador entre a nossa geração e as testemunhas do passado”, portanto, entendemos que as pessoas “mais velhas”(no sentido da ancestralidade) de uma comunidade são elos ao passado ancestral, ligam um passado remoto ao momento presente por meio de suas histórias, suas memórias, suas histórias de vida e seus saberes.



Querida Santana do Riacho

Querida Santana do Riacho
Urbanidade que se mistura com simplicidade
Entre rios, serras e prados
Respira paz e serenidade
Ilustrada e agraciada pelos
Dons e encantos da natureza
Aprazivelmente se revela
Sempre natural
Alegre e muito calma
Nos oferece liberdade
Aconchego e hospitalidade
Nas ruas e praças
A vida é pacata e cordial
Descendente do Arraial Riacho Fundo
Orgulhosamente amada por seus oriundos
Recatada, cheia de contraste e belezas
imponente se envela
arraigada no seio deste rincão
compõe a sua própria
história
Oh! Minha querida terra! Te amo!

Poema de Maria Elisa dos Santos (2017, p. 36)



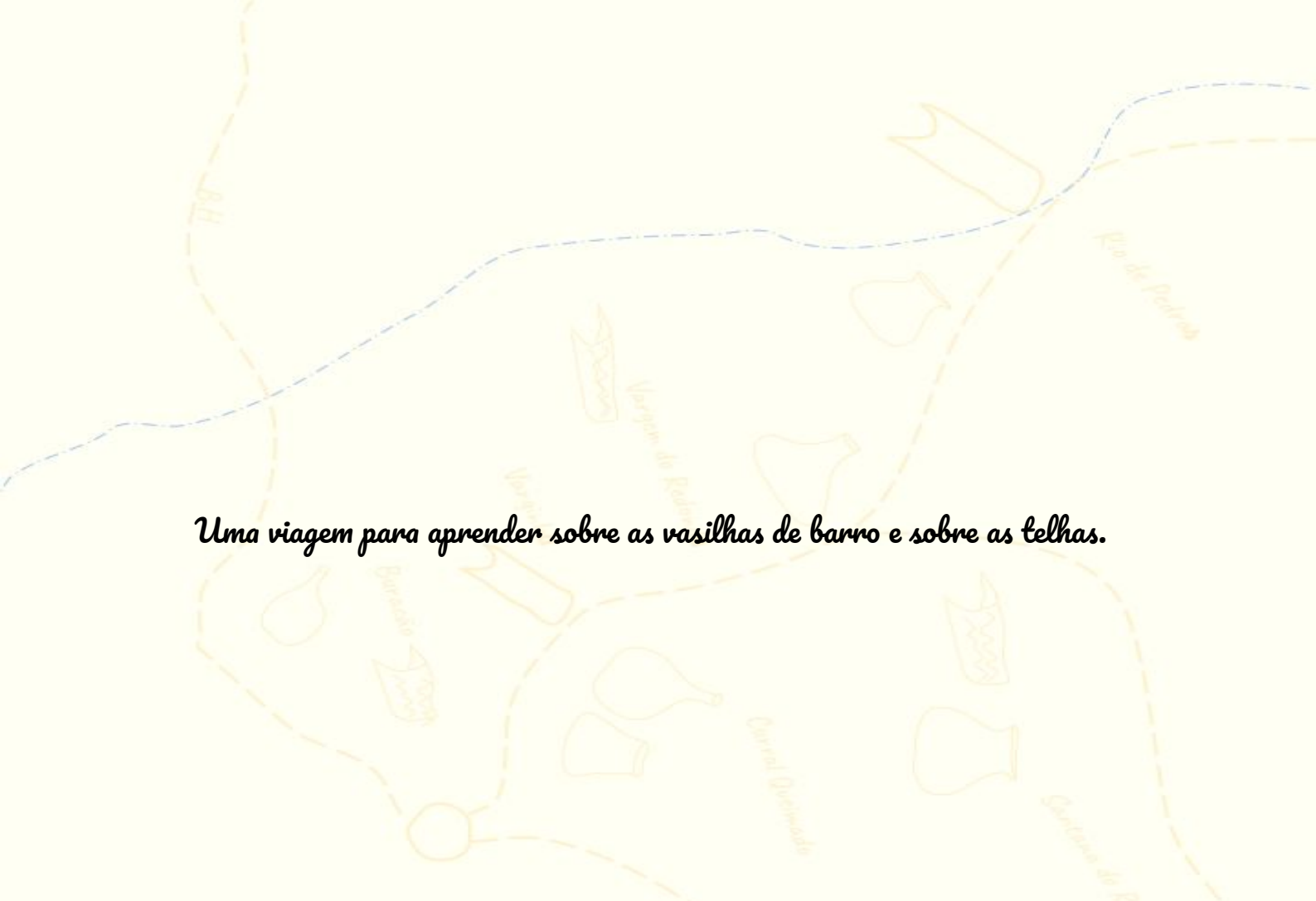


Santana do Riacho

Pode-se olhar uma cidade por várias perspectivas, mas haverá partes dela invisíveis ao observador, a citar como exemplo o fato de um viajante não ver a cidade visitada da mesma forma que o morador a vê. No cotidiano, ao ver sempre as mesmas imagens, o morador não vê detalhes que somente o viajante percebe; por outro lado, o viajante não desfruta da rotina, das tradições, das alegrias e dos percalços desfrutados somente pelo morador. Nesse sentido, Joice S. Oliveira (2014, p. 52) diz que as “sensações observadas e experimentadas vão fazer parte da imagem construída das cidades que emergem a partir do entrelaçamento das vivências e costumes”. Com isso, moradores e visitantes percebem a cidade de formas diferentes.

O Município de Santana do Riacho está situado a 120 km de Belo Horizonte, localizado na porção sul da Serra do Espinhaço. De acordo com último censo de 2010, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), possui população de 4.023 habitantes. Em de 1962, deixou de ser o Distrito de Riacho Fundo, desvinculando-se do município de Jaboticatubas, e passou a ser o município de Santana do Riacho. Esse nome originou-se do nome da padroeira local, Nossa Senhora de Sant’Ana, e por ter sido a cidade erguida às margens de um riacho (denominado de Riachinho).

Ao sair de Belo Horizonte, uma das rotas principais é o percurso pelas Rodovias MG-10 e LMG-816. A área urbana é composta por: cidade de Santana do Riacho, Comunidade de Lapinha da Serra, Comunidade das Mangabeiras e Distrito de Serra do Cipó. Algumas das comunidades rurais, por suas vezes, são: Varginha, Mato Grande Debaixo, Mato Grande de Cima, Barreiro, Curral Queimado, Ribeiro Comprido, Berto, Melo, Galho Grande, Rio de Pedras, Cana do Reino, Campo Redondo, Buracão, Usina Pacífico Mascarenhas, entre outros.



Uma viagem para aprender sobre as vasilhas de barro e sobre as telhas.



Barro ou argila?

Argila ou barro são matérias primas para produzir os objetos cerâmicos ou as vasilhas de barro. Do ponto de vista químico e geológico, segundo Joaquim Chavarria (1992, p. 27) e Johann Fricke (1992, p. 7), a argila é um silicato de alumina hidratado, resultante da decomposição de rochas de Feldspática. O processo de formação das argilas pode levar milhares ou mesmo milhões de anos, e a água é muito importante neste processo, agindo como um abrasivo, ou seja, ela vai desgastando as rochas.

Segundo Arlindo Fagundes (1997, p. 18), geologicamente falando, as argilas podem ser primárias e secundárias. As primárias são aquelas que se mantêm no local de formação, nas camadas mais profundas do solo com alto teor de caulinite. As argilas secundárias são transportadas por agentes naturais como o vento, a água e os glaciares e vão se acumulando longe do seu local de formação. Elas são denominadas de barros gordos, ou *barro vermelho*, matéria-prima para fazer os objetos cerâmicos, tais como telhas, tijolos e cerâmica tradicional. Apesar de serem denominadas de barros vermelhos, podem ter várias colorações após a queima: vermelho, rosado, amarelo claro, entre outras.

Provavelmente, sejam os barros gordos que encontramos nos brejos, nos barrancos e nos cursos d'água em Santana do Riacho.



O termo “de barro”, segundo Arlindo Fagundes (1997, p. 18), é usado para denominar uma argila com impurezas diversas, tanto de minerais quanto de matérias orgânicas. Mas em Santana do Riacho usa-se falar “barro de telha” para representar a argila, e “vasilha de barro” para representar os objetos cerâmicos. Então, pode-se usar os termos argila, barro, barro de telha para se referir à matéria-prima dos objetos cerâmicos (as vasilhas de barro)

Ceramista ou oleiro(a)? Esses dois termos significam “indivíduo que domina a técnica de fazer cerâmica” ou “indivíduo que trabalha em olaria”. Olaria é o lugar onde fabricam-se objetos de barro (ex.: ele trabalha na olaria de telhas). Pode ser entendida, também, como um conjunto de técnicas para fabricar objetos de barro (ex.: “ela domina as técnicas da olaria”).

Aqui, em Santana do Riacho, as ceramistas ou as oleiras são as paneleiras. Os homens que trabalhavam nas extintas fábricas de telhas são os oleiros. Ambos dominam a técnica da olaria (sabem fazer objetos de barro).

Eles, ao se referirem a essas fábricas tradicionais de telhas as chamam, também, de olarias de telha.



Relação entre o barro e a humanidade

A respeito da relação entre o barro e a humanidade, segundo Jaqueline Prado (2016, p. 18) e Joaquim Chavarria (2004, p. 9), nossos antepassados deixaram registros históricos que evidenciam, desde o neolítico, a cerâmica como elemento de sobrevivência. Apontam como ela era usada na produção de utensílios para a preparação de alimentos e como elemento sagrado na celebração de rituais.

Hoje, a cerâmica se faz presente nos mais variados segmentos de nossa sociedade. É o caso, a título de exemplo, de decoração e do setor industrial. Também é notada a presença da cerâmica em equipamentos elétricos e até mesmo nas áreas médicas e de tecnologia. De acordo com Jonas Alexandre et al(2020,p.43), “estudiosos confirmam que a cerâmica é a mais antiga das indústrias. Ela nasceu no momento em que o homem começou a utilizar o barro endurecido pelo fogo “

Jaqueline Prado (2016, p. 23), apoiada nos estudos de André Prous, nos salienta que, na região de Minas Gerais, os achados de antigas peças de cerâmica comprovam que, diferentemente de outras formas de artesanato, a cerâmica não foi introduzida pelos portugueses, africanos ou quaisquer outros povos que tenham migrado para esse território. A autora ressalta que no século XVI, há evidências de que os povos indígenas possuíam conhecimentos relativos ao barro antes dos primeiros avanços de colonização.



Na região da Serra do Cipó, por exemplo, as relações do ser humano com o barro iniciaram-se com nossos antepassados. Segundo André Prous (1992), eles deixaram seus registros nos sítios de Lapa Vermelha IV e em Santana do Riacho, próximo a Lapinha da Serra. Lá, foram encontradas pinturas rupestres datadas entre 4000 e 7000 BP (antes do presente), e tais grafismo foram feitos com pigmentos de terra.

No tocante à cerâmica, também aponta Prous (1992, p. 357) que foram encontradas em Baldim, município vizinho, peças de cerâmicas, ferramentas e vestígios culturais em covas laterais a uma casa subterrânea. De acordo com Sérgio Lacerda (2022, p. 37) o pesquisador austríaco Mihaly Banyai encontrou uma urna funerária de cerâmica em uma fazenda antiga, próximo ao Rio Cipó, e na década de 1970 iniciou uma pesquisa sobre os rituais funerários dos povos originários desta região. Este fato trata-se de algo valioso para a arqueologia, como um dos mais antigos registros da América do Sul.

Os objetos de barro, portanto, nos ajudam a entender sobre o nosso passado. Segundo Prado (2016, p. 77), a cerâmica é utilizada por historiadores e arqueólogos para reconstruir vários aspectos da cultura e da vida de um povo. Para a autora, o objeto de barro é cheio de significados, carrega memórias, marcas das mãos que o modela, vestígios do solo de onde vem e a identidade de quem o produz. Apesar da transformação do fogo, essas marcas permanecem.





Único objeto cerâmico encontrado no município, feito pela mestra Larina (2022).

Na ano de 1976, os pesquisadores Charles T. Snow e José Eustáquio Teixeira de Abreu (1976, p. 175) fizeram uma investigação sobre a cerâmica em povoados rurais próximos à Belo Horizonte, entre eles, a comunidade do Barreiro/Gatinho em Santana do Riacho. A entrevistada foi a paneleira Larina Martins da Conceição (conhecida como Larina).

A pesquisa exploratória, à época, teve por objetivo investigar os traços de técnicas indígenas na produção de cerâmica e, com isso, fornecer dados a estudos arqueológicos. Esse fato mostra-nos a relevância da pesquisa sobre a cerâmica tradicional neste município e a importância da preservação desse saber como um tesouro.

Dados os fatos citados, atualmente a cerâmica tradicional no município de Santana do Riacho corre o risco de desaparecer, tendo em vista que só há uma paneleira que reside no município. Ela mantém as técnicas de feitura da cerâmica conforme aprendido com os seus antepassados nos processos de queima, no modo de preparo da argila, na modelagem e na utilização do mesmo barro em sua propriedade.



Nossas mestras e nossos mestres

Em nosso caminho, no decorrer da vida, encontramos pessoas que nos ensinam. São elas nossos mestres e nossas mestras. Joice S. Oliveira nos fala sobre as “Pessoas Livros”, que nos transmitem seus saberes e que ampliam a nossa visão de mundo.

As “Pessoas Livros”, personagens encontradas na caminhada e que passaram a ser o mote da pesquisa, vão nos transmitindo seus saberes, experiências e modo de ser. Resgatar esses detentores de saberes e conhecimentos dando a eles seu real valor, ampliando o respeito pelo seu saber é o grande desafio de proteção ao nosso patrimônio imaterial. (Oliveira, 2014, p. 167).

Podemos entender que nossos primeiros mestres podem ser, também, as pessoas de nosso grupo familiar ou nossos cuidadores: pais, avós e pessoas da nossa comunidade ou cidade. E se andarmos pela cidade como um viajante que busca por conhecimento, podemos encontrar pessoas que guardam saberes que são patrimônios. Elas são os nossos Livros.

Meninas do pote

Mestras, mulheres, mães e meninas
Marias, Geraldas, Larinas, Leofinas
Que lutam como mulheres
Sem deixar de ser meninas
Josefinas, Silézias e Osvaldinas

Meninas que com sua sabedoria
Semeiam plantas das curandeiras
Que florescem nas ribeiras
Como se não bastasse
Carregam a bondade intensas
Das mais sábias benzedadeiras

Essas são mestras do povo
Amigas da perfeição
Fazem o pote com as mãos
Mas usando o coração
Sendo mães embalam a vida
Com uma heróica canção

Por isso seus potes lindos
fazem bem e nunca o mal
E a água fria do pote
Tem gosto bem natural

Meninas arteiras, falantes
Que modelam na minguante
E colhem a melhor lenha
Para o fogo flamejante
E ainda servem água fria
Para o sedento viajante

E vão subindo seus potes
Com variados pavios
E quando a fome aperta
Elas vão pescar nos rios
Os antigos já diziam
Quando cavarem o barreiro
Se lembrem: somos o barro
E Deus o Sagrado Oleiro.

Poema de Silézia Santos e mestre Fernando Limoeiro.



Desenho do pote de barro. Autor Fernando Limoeiro
Fonte: acervo da autora (2023).



Fonte: acervo de Gilmar A. da Cruz



Fonte: acervo da autora (2022).

Mestra Leofina

Leofina Marques nasceu em 1913 e faleceu em 1983, no município de Santana do Riacho. Mãe de três filhos (Maria, Raimundo e Josefa). foi moradora do chamado Capão do Pito Aceso — atualmente, denominado de Buracão. Ela era uma paneleira reconhecida na região. Seu saber ficou registrado no livro de José Carlindo S. Ferreira, (1999, p. 49): “ela vendia panelas para região e tinha o apelido de ‘Geofina paneleira’. O autor cita também que a comunidade era um lugar de artesanato de qualidade.

Porém, durante essa pesquisa, o apelido foi corrigido pela família: a forma correta é Leofina Paneleira. Dentre os lugares visitados neste município, foram encontrados vários potes e vasilhas de barro em quintais de algumas residências que, segundo os moradores, foram produzidos pela mestra Leofina. Sua filha e sua nora afirmam que ela aprendeu o ofício com seus antepassados, e repassou o conhecimento para seus descendentes. Atualmente, sua memória é preservada por meio do trabalho de seu neto, Gilmar Aparecido da Cruz, que tem restaurado os fornos e resgatado as vasilhas antigas, no intuito de preservar esse saber. Ele também encomendou uma escultura em homenagem a mestra Leofina (em construção).





Fonte: acervo da Josefina Batista (2022).

Mestra Josefina

Mestra Josefina Batista, nome de registro, é conhecida por todos da região por Josefa. Tem 66 anos de idade, filha de mestra Leofina. Relata que aprendeu o ofício durante o tempo que ajudava sua mãe. Mas com o adoecimento de sua mãe, precisou ajudá-la com maior dedicação, pois havia muitas encomendas e o barro era uma fonte de renda da família.

Continuou o ofício até 1988, e em 1989, se mudou para Vespasiano, na região metropolitana de Belo Horizonte. Dentre os relatos de mestra Josefa, alguns deles nos apontam as características sociais de sua época, no que diz respeito a ser uma paneleira (ceramista). Disse que, algumas vezes, sua mãe Leofina colocava uma pirunga (botija) debruçada dentro de um pote, ambos em um saco de algodão, e carregava sobre a cabeça do Buracão até Veraneio, atual distrito de Serra do Cipó. Nesse contexto, sua mãe andava a pé por horas para vender objetos de barro para alimentar os filhos, e que muitas das vezes, ia com ela como companhia.

Comentou que o trabalho da paneleira era desvalorizado, pois se lembrava de sua mãe trabalhando como diarista e fazendo 05 potes por dia para receber uma rapadura como pagamento. Destacou que as vendas das vasilhas de barro eram difíceis e, quando as vendiam, economizava o dinheiro para comprar material escolar e roupas para os filhos estudarem. Comentou que sua mãe lutou para que ela estudasse até a 2ª série primária. Em sua fala, há um grande respeito e gratidão pela profissão de sua mãe e a consciência de que, através deste ofício, pôde ir à escola.

A mestra Josefa relatou, ainda, que se considera uma paneleira ao explicar o sentido espiritual e religioso de se trabalhar com o barro. Ela disse que somos o barro e Deus, o oleiro. Que temos que aceitar as coisas da vida, porque “é Deus trabalhando em nós” da mesma maneira pela qual fazemos as panelas de barro, e isso é um processo trabalhoso.



Fonte: acervo de Maria Geralda O.M. da Cruz (2023).

Mestra Osvaldina

Osvaldina Martins da Cruz tem 61 anos de idade e teve contato com a cerâmica quando ainda era adolescente. Seu pai, Sr. José Ezídio dos Santos, possuía uma fábrica de telhas em sua propriedade, em um lugar chamado Prauninha, e ela participava dos mutirões para retirada do barro quando tinha apenas 12 anos de idade.

Sua mãe, a mestra Geralda Martins, fazia vasilhas de barro para a própria despesa da casa. Mestra Geralda, por vez, também, aprendeu a fazer as vasilhas de barro com a avó materna de Osvaldina, a mestra Maria Gonçalves.

Aos 16 anos, Osvaldina se casou com o mestre Raimundo Marcolino, filho de mestra Leofina, e foi morar na comunidade do Buracão com sua sogra e sua cunhada Josefa, ambas paneleiras. Nesta convivência, começou a ajudá-las nos trabalhos de buscar lenha e retirar o barro, e foi observando sobre o ofício. Entretanto, só começou a produzir as vasilhas de barro em meados de 1985.

Após mestra Josefa sair do município, teve que dar continuidade ao trabalho com barro por necessidade financeira, e porque havia muitas encomendas.

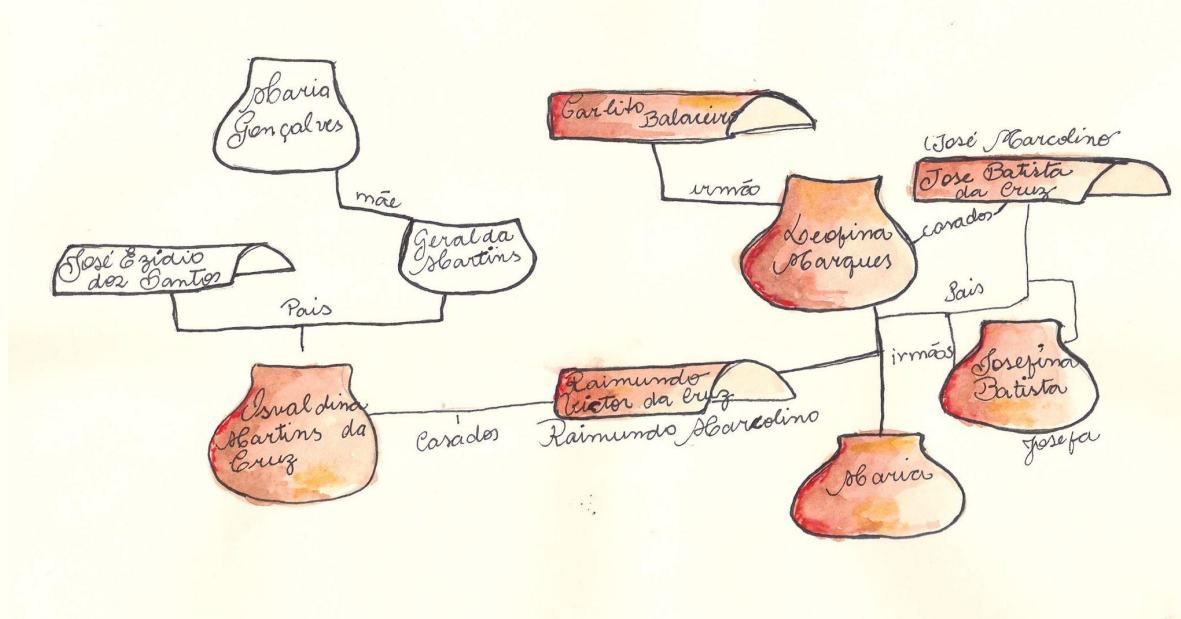
A mestra Osvaldina entende sobre a importância em continuar a fazer as vasilhas de barro para perpetuar a tradição e relatou, com pesar, que há três anos não fazia as vasilhas de barro, até o momento desta pesquisa. Diz que tem tentado dar continuidade, mas relata que está começando a ficar cansada. Porém, tem pensado em dar continuidade à tradição ensinando sobre o fazer das vasilhas de barro às próximas gerações: para os filhos, os netos e a quem interessar.

Relatou que, atualmente, não consegue colher o barro e fazer a queima das vasilhas sozinha, tendo em vista que esses processos são os mais pesados. Portanto, para que haja uma continuidade do saber, será necessário a ajuda de outras pessoas.

Ela percebe o fazer cerâmico como algo muito bonito, de muita dedicação, e que possui um *modo de fazer* que hoje está se perdendo.

Pontuou que está se dedicando, no momento, à agricultura e aos movimentos em prol da comunidade. Confessou que após perder a última fornada das vasilhas de barro, houve certo desânimo em continuar com o ofício, tendo em vista que o trabalho com o barro é árduo, prolongado e não é garantido que as peças saiam conforme o esperado. Além disso, seu corpo não consegue conciliar os trabalhos com a agricultura e com o barro, como era antes (quando mais jovem).

Árvore genealógica da tradição do barro



Fonte: caderno de pesquisa da autora (2022).

Levando em consideração a imagem acima, mestra Osvaldina tem o saber tradicional do barro por parte de seus ancestrais e por parte do grupo familiar que passou a pertencer.

Atualmente, participa como membra do conselho da rede solidária de produtores de Santana do Riacho - Mercadinho Tá Caindo Fulô, onde pequenos produtores rurais, artesãos e artistas da região da Serra do Cipó expõem seus produtos. Atua, também, como representante de sua comunidade na Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de Minas Gerais – Fetaemg, além de participar do projeto Cerrado Vivo, repassando seus conhecimentos sobre a medicina popular (raizeira).

Diante dos relatos de mestra Osvaldina, percebe-se uma mulher consciente de seu papel político e social em sua comunidade. Ela diz que:

Eu sempre gostei de participação, sempre gostei de estar no meio do povo. Penso que a mulher tem que estar ocupando seu lugar na política. [...] Quando eu vou à luta, acho que é assim, vou em defesa de todas as mulheres e gosto da luta, a gente aprendeu a valorizar a si próprio e ninguém faz nada sozinho, a gente tem que ter mutirão, ser unido [...] (Giro Agroecológico. Dona Osvaldina, 2022, n.p.).

Com essa consciência de coletividade, mestra Osvaldina entende os desafios políticos e sociais, portanto, aceitou participar desse estudo para contribuir com a pesquisa científica e com a educação em seu município.



Estórias e características que envolvem as vasilhas de barro

Em Santana do Riacho, houve um tempo em que os utensílios de plásticos e de alumínio eram pouco acessíveis, e as vasilhas de barro faziam parte da vida doméstica. Elas tinham nomes e formatos, eram as panelas de cozinhar feijão, panela de ferver água, panela de gordura, talhas e utensílios pequenos chamados de caburés.

Havia potes de todos tamanhos, tendo sido usados para buscar água na mina ou na bica. Em muitas das casas não havia filtro barro, por isso o pote era utilizado tanto para armazenar água, quanto para transportá-la.

As talhas são maiores que os potes, e eram usadas somente para armazenar a água. Possuíam uma torneira e o formato mais alongado. As panelas de guardar gordura e carne eram utilizadas para armazenar as carnes que, imersas na gordura, conservavam-se por meses. Elas eram um recurso para conservação e armazenamento desse tipo de alimento que, hoje, é refrigerado nas geladeiras. Esse tipo de panela era grande e possuía a boca mais fechada, com tampa de encaixe.



Fonte: acervo da autora (2022)

Fonte: acervo de Maria Geralda O.M. da Cruz (2023)

Contou-me a mestra Osvaldina que na casa de avó, todos os utensílios domésticos eram de barro: os copos, os pratos e as panelas. Também relatou que na casa da sogra, mestra Leofina, as vasilhas também eram de barro e, certa vez, sua sogra vendeu uma fornada inteira de vasilhas de barro para comprar um tacho de alumínio (conforme na imagem anterior). A família ainda guarda esse tacho como memória, respeitando a importância que ele teve para Leofina.

Meu pai, certa vez, me contou que quando menino, ajudava seus pais na roça e que a sua tarefa era buscar água na nascente. Ele enchia uma pirunga de água, que colocava sobre a cabeça, e levava aos *eitos* de campina. Dizia que quando os trabalhadores estavam com sede, começavam a cantar versos: “*Água no eito, senão eu deito*”.

Ele dizia que tarefa de levar água para os trabalhadores era muito sofrida, pois as vasilhas eram muito pesadas. Comenta Jaqueline Prado (2016, p. 44) que no Vale do Jequitinhonha-MG, em meados da década 1970, a cerâmica se mantinha como atividade econômica.

Porém, com a chegada de produtos de plástico e a disponibilidade fácil e barata de outros materiais industrializados, houve uma redução no uso de utensílios de barro no cotidiano. Isso resultou em uma redução da quantidade de artesãos e, gradualmente, na perda de algumas técnicas ancestrais do fazer cerâmico.

Portanto, entendendo os objetos de barro deste município somente como utilitários, podemos deduzir que com a chegada das panelas de alumínio e dos objetos de plástico, a tradição das vasilhas de barro começa a diminuir, ou quase desaparecer, tendo em vista que o plástico passa ser algo novo e de fácil acesso.



Como fazer as vasilhas de barro



Fonte: acervo da autora (2022).

Para fazer as vasilhas de barro, começamos assim: vamos descendo o morro até o barreiro, onde perto de um brejo, localiza-se o barro. Mestra Osvaldina conhece o barro utilizando tato e visão, e com as mãos, identifica a liga, sentindo a consistência do barro.

Ao olhá-lo, identifica a cor e o brilho do barro apropriado. Mas antes disso, é necessário cavar o brejo ou o barranco para encontrar o barro bom. É preciso cavar fundo, mais ou menos 1,5 metros, usando uma enxada. A retirada do barro é sempre feita durante a lua minguante, e isso é respeitado desde os tempos antigos

Quando retirado o barro, põe-se para secar perto do barreiro.

Com isso, fica mais fácil o transporte. Logo após, com o barro seco, é triturado, socado no pilão, peneirado para retirar todas as impurezas e transformado em pó. Agora, o pó é umedecido com água e transformado em uma massa que é colocada para descansar por 15 dias.

Após o tempo de descanso, usando as mãos, o barro é amassado ou batido com muita força até tirar todas as bolhas de ar que ficam em seu interior. Essas bolhas de ar não podem ficar dentro do barro, pois são a causa de rachaduras nas peças durante a queima.

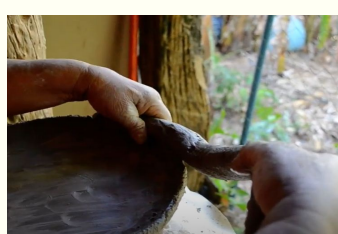
Segundo as mestras Osvaldina e Josefa, após esse período de descanso, o barro é amassado e acrescenta-se areia para que fique mais forte e aguente o fogo. A medida é uma mão de areia para cada panela, mas é preciso sentir a textura, ou *liga*. Após esse processo, começa-se a modelagem das peças, a transformação do barro em vasilhas.



Agora, inicia-se a modelagem do objeto. Mestra Osvaldina chama de *bater a fôrma*. O *bater das formas* significa: pegar um pote já queimado, virá-lo de bruços e colocar um tecido sobre o fundo para depois, pressionar o barro até adquirir o formato arredondado. Esse formato é a base da vasilha a ser confeccionada, sendo assim, o pote (já queimado) se torna uma espécie de molde.

Após isso, a fôrma é colocada para secar com um tecido nas bordas. Até evaporar a água, é necessário que fique *ao toque do dedo* sem grudar. Agora é hora de subir o pote. Neste momento, são colocados os pavios, que são rolinhos de barro. Relatou-me a mestra Josefa que sua mãe usava três pavios bem grossos para produzir um pote grande. Porém, Dona Osvaldina usa pavios mais finos e em maiores quantidades.

Para colocar primeiro o pavio na base, é necessário fazer rachaduras, ranhuras com sabugo ou com uma faca na borda da base. Após isso, pressiona-se o pavio na base utilizando os dedos, fazendo uma espécie de costura e subindo o pote. Cada rolo é colocado por vez e deixado para secar até ficar *ao toque do dedo*. Então, coloca-se o próximo pavio e assim por diante, sempre fazendo ranhuras e costura. Relatou, mestra Osvaldina, que para fazer potes em grande quantidade, elas faziam várias formas e subiam os potes simultaneamente. O serviço é apertado e rápido, senão a forma sai do ponto certo e não dá para colocar os pavios.



Fonte: acervo da autora (2022).



O fogo é o elemento transformador do barro.

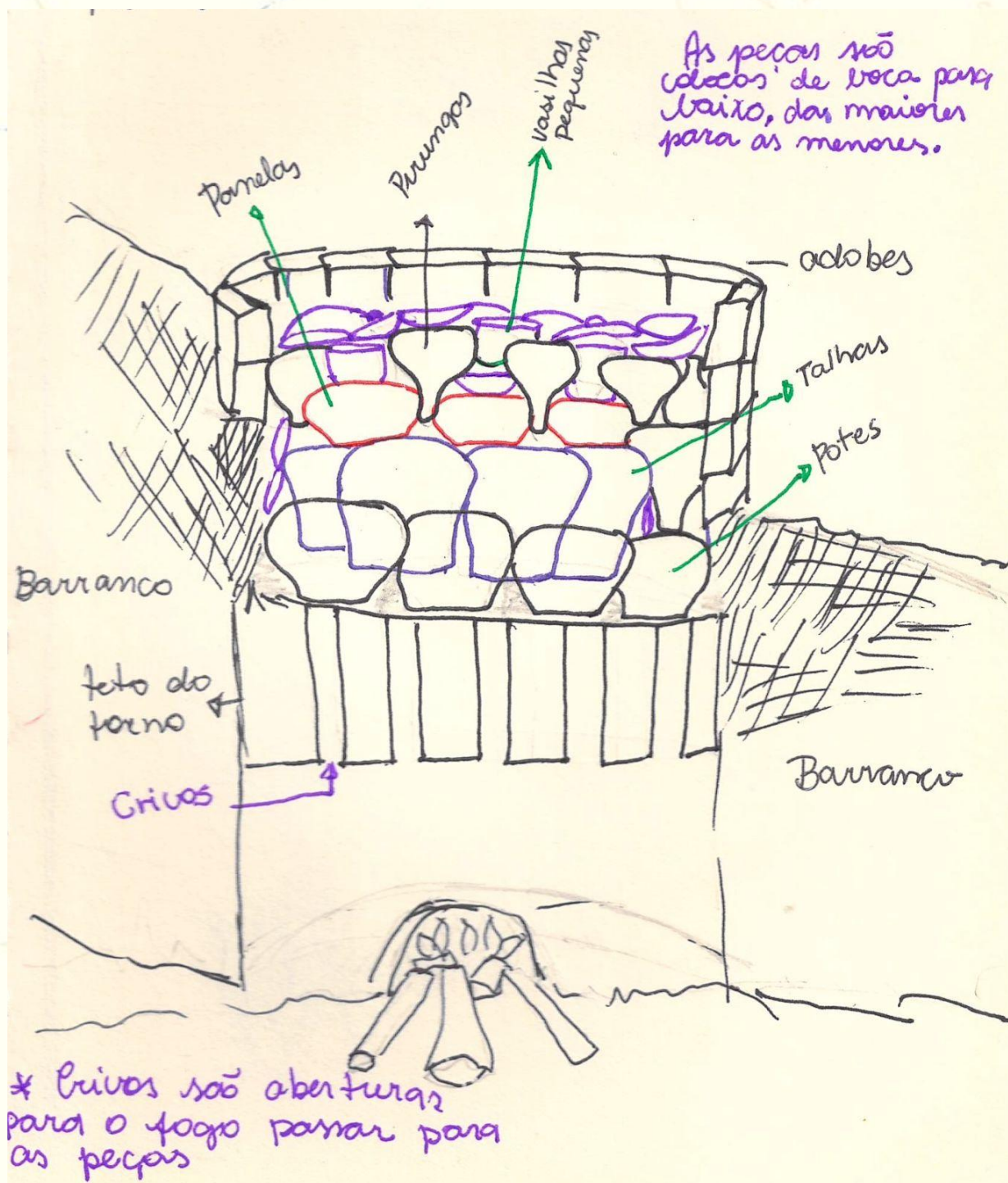
Depois de modeladas as peças, começa-se o processo da queima. Segundo a mestra Josefa, antes da queima, as peças são organizadas no forno da seguinte maneira: as talhas e os potes são colocados no fundo do forno, de boca para baixo, pois eles aguentam o fogo mais forte. Depois, colocam-se as pirungas (botijas) entre as talhas e potes. Logo após, organizam-se as panelas e as vasilhas pequenas, os caburés nos entremeios, e o forno é coberto com cacos de telhas.

Jaqueline Prado relata que:

“a ceramista Adel Souki nos conta que durante a queima, o som tem um significado especial, é necessário saber escutar o fogo, pois os sons do ar na porta e os sons do fogo na chaminé indicam a temperatura. É preciso aprender a ver e escutar, a saber ler nas cores da fumaça da chaminé e na cor do fogo nas peças no momento certo de colocar mais lenha. Até os cheiros que exalam trazem indícios do que precisa ser feito ou não; a queima requer sensibilidade, paciência e persistência” (PRADO, 2016, p. 156).

Neste tipo de queima, a autora se refere ao forno Anagama.

Forno tradicional de barranco



. Fonte: caderno de pesquisa da autora (2022)

Segundo as mestras Josefa e Osvaldina, o processo da queima é bem lento, por isso começa-se muito cedo e prolonga-se por todo dia, com 10 (até 12) horas de queima. Neste processo, a queima inicia-se com o fogo bem baixo, utilizando-se de gravetos e de lenhas finas, iguais às que se acendem no fogão à lenha. Depois, aumenta-se o fogo com lenhas maiores, adicionando lenhas médias, e à tarde, após umas 6 ou 7 horas de queima, acrescentam-se as lenhas grossas. Todas as lenhas precisam ser apodrecidas, pois seu fogo é mais fraco, e segundo *os antigos*, têm que ser colhidas na lua minguante.

Nos meados do processo da queima, as labaredas de fogo que saem por cima dos cacos das telhas (utilizados para cobrir o forno) ficam escuros. Porém, quando a queima está chegando ao fim, esses cacos começam a adquirir uma cor avermelhada e é possível ver os objetos de barro com a cor de brasas de fogo. A peça começa a produzir cheiros de barro queimado e, com isso, as mestras percebem que a queima está chegando ao fim e vão diminuindo o fogo.

Após uma boa queima, as panelas, os potes e as talhas poderão ser utilizados no fogão e para armazenar água. Caso contrário, as vasilhas de barro servirão somente para enfeitar (decoração). De acordo com a mestra Josefa, “as vasilhas estão bem queimadas quando, ao bater nelas, elas têm que tinir” (fazem um barulho específico). Segundo as mestras, as vasilhas de barro são feitas do mês de abril até o mês de setembro, porém, salta-se o mês de agosto. Nele, não se mexe com barro e nem com a queima, e isso vem desde *os antigos*.

O forno atual de mestra Osvaldina foi construído por ela por seu filho Gilmar. O forno possui a altura total de 1,50m e 1,60m de diâmetro. Para organizar as peças, mestra Osvaldina entra no forno. Ela relata que tem dificuldade de acertar o tempo de queima desse forno, acredita que o motivo seja por ele ser grande. Quando mestra Josefa analisou o forno, sugeriu que pudesse ser a distância entre os crivos (buracos que levam o calor e fogo às vasilhas) e isso impede que o calor adequado seja levado até as vasilhas.

No forno de mestra Osvaldina ainda constam os últimos objetos cerâmicos, cuja queima não foi adequada, ou seja, ela perdeu todas as vasilhas, algumas trincaram e outras não retém a água.

Nesse sentido, Jaqueline Prado (2016, p. 156) diz que o fazer cerâmico nos ensina a lidar com as incertezas e com a não garantia de resultado esperado, e assim, a ceramista aprende a lidar com o desapego e com a frustração. Vale ressaltar que na maioria do tempo em que mestra Osvaldina fez as vasilhas de barro, utilizava um forno antigo de sua sogra.



Fonte: acervo da autora (2022).

Para a queima das vasilhas de barro no Buracão — Santana do Riacho, utiliza-se o forno de barranco. Na construção desse tipo de forno, utilizam-se barranco, barro e adobes. No Buracão foram encontrados vestígios de três fornos antigos, sendo dois para queimar vasilhas de barro e o outro para a queima das telhas. Tais fornos, segundo a memória de mestra Josefa (inclusive o forno de telhas, conforme página 72), foram feitos por seu tio, irmão da mestra Leofina, conhecido como Carlito Balaieiro. Ele também dominava as técnicas de fazer balaios e cestarias de bambu, e trabalhava com madeira. Estima-se que esses fornos tenham mais de 60 anos.





Forno mais recente de mestra Leofina, que foi utilizado por mestra Josefa e por mestra Osvaldina. Encontra-se desat



Lateral do forno mais antigo de mestra Leofina. Altura 1,70m x 1,20m diâmetro,



Visão de cima do forno mais antigo. Estima-se que tenha mais 60 anos. Atualmente, Gilmar, filho de mestra Osvaldina, está restaurando os fornos da avó.

As mesmas mãos que batem a enxada na lavoura, também modelam o barro

Mestra Osvaldina comentou que seu corpo não consegue conciliar o fazer das vasilhas de barro com a agricultura. Tendo em vista que a extração do barro, da lenha e a queima são os processos mais pesados, diante desse comentário, entendo que para que ela continue com esse ofício é necessário ajuda externa, quer seja de outras pessoas, quer seja do setor público, para que a auxilie na colheita do barro e da lenha e que a queima possa acontecer de forma coletiva ou em mutirões.

Durante esta pesquisa, para minimizar as questões pontuadas pela mestra referentes à dificuldade com o seu forno atual, fizemos em conjunto um *forno-teste* — o que significa que é provisório — em dimensões menores em relação ao seu forno atual e mais próximo a sua casa, com acesso a água. Sendo assim, ela poderá reproduzi-lo em outro lugar, utilizando das mesmas dimensões. E nele, poderá queimar as peças menores em menor tempo e, conseqüentemente, com o uso reduzido da quantidade de lenha.



O *forno* foi confeccionado com as seguintes dimensões: 90cm de altura por 50cm de diâmetro, utilizando aproximadamente 100 tijolinhos. A primeira queima aconteceu com 5 horas de duração, sendo as primeiras 3 horas com fogo bem brando e as últimas 2 horas, com fogo mais intenso.

Foram queimados somente objetos pequenos e não houve perda e nem trinca de objetos cerâmicos.



Fonte: acervo da autora (2022).

Sugestão de forno pequeno

Em um lugar plano, no chão, coloque 05 tijolos em forma de semicírculo, e mais quatro de tijolos na abertura da boca do forno. Com terra vermelha e um pouco de argila, ou terra de formigueiro, faça 4 fileiras de tijolos. Porém, 3 fileiras para boca do forno.

Agora, coloque os tijolos em forma inversa (com o comprimento virado para dentro do forno), fechando o círculo. Esse processo serve de base, onde colocam-se as vasilhas de barro. Após isso, teça mais 5 ou 6 fileiras para finalizar o forno. A boca do forno pode ter formato quadrado ou arredondado — para a construção de fornos maiores, a boca deve ser arredondada — e facilita ser construída antes do forno.

Pode-se passar barro por toda a parte externa e interna do forno para que ele retenha a temperatura.



Fonte: acervo da autora (2022).



Mestres das telhas





Fonte: acervo da autora (2022).

Mestre Sinval

Sinval dos Santos, meu pai, nasceu no município de Santana do Riacho. Aprendeu a fazer telhas com meu avô, Cecilio dos Santos Ribeiro, mas não se considera oleiro. Dentre os vários saberes que aprendeu com seus antepassados, considera-se um carpinteiro com a especialidade em fazer telhados. Atualmente, com saúde debilitada, não exerce sua profissão, mas tem sido meu ajudador com suas recordações.

Reside em Belo Horizonte há mais de 35 anos, tem 74 anos e continua tendo contato com sua terra natal de forma esporádica. Continua sendo reconhecido pelos conterrâneos de sua faixa etária como um dos melhores profissionais no ofício de fazer telhados e casas de adobe. A última casa de adobe que construiu no município foi no Mato Grande de Baixo, em 1984.





Fonte: acervo da autora (2022).

Mestre Raimundo Marcolino

Raimundo Victor da Cruz tem 73 anos, nasceu na comunidade do Buracão (Santana do Riacho), onde vive até os dias atuais. É produtor rural, congadeiro, sanfoneiro e criador de versos de cantigas. Participa, junto à mestra Osvaldina (sua esposa), em projetos ligados à agricultura. É filho de pais que possuíam o saberes ligados ao barro, mestra Leofina e José Marcolino. O trabalho com barro está ligado às suas raízes ancestrais e vivo em sua memória. Durante um certo período de sua juventude, trabalhou na fábrica de telhas de seu pai, na comunidade do Buracão.





Telhas com grafismos. Fonte: acervo da autora (2022).

Ao me lembrar de uma telha que continha o primeiro nome do meu pai (tal objeto foi quebrado), a imagem do desenho é tão nítida que ainda percebo as marcas de seu dedo e a leveza pela qual deslizou no barro molhado, formando o desenho da palavra *Sinval*, que ocupava todo o espaço da telha.

Para Jaqueline Prado (2016, p. 77), o objeto de barro é cheio de significados, carrega memórias, marcas das mãos que o modela, identidade de quem o produz e com a transformação do fogo, essas marcas permanecem. Sendo assim, as marcas permaneceram na telha e passaram a incorporar as memórias. O tecer das informações neste trabalho, sobre as telhas tradicionais, vêm das lembranças e marcas que as pessoas deixaram nesses objetos, e seus registros gravados no barro perduram até os dias atuais.

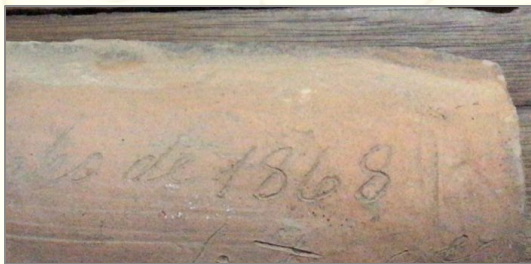
As datas encontradas nas telhas e os desenhos aliados às lembranças das pessoas nos ajudaram a remontar um pouco das relações com essas olarias de telha neste município. Entretanto, ao meu ver, umas das principais relações da população com as olarias de telha é denominar a argila de *barro de telha*.

Segundo meu pai, em sua época de infância e juventude, nas décadas de 1950 e 1960, algumas fábricas de telha eram criadas para reparar ou substituir telhados de casas já existentes. E nesse período, quando trabalhou com meu avô, tinha cerca de 16 anos. Eles faziam as telhas para reposição do telhado da casa onde moravam na Vargem do Redondo e para as casas da vizinhança.



A fábrica ficava localizada no terreno de um vizinho, onde havia um “barro bom”, e foi mais ou menos na década de 1960 quando a fábrica parou de funcionar. As fábricas de telha de meu avô, do pai de mestre Raimundo Marcolino e da Varginha também possuem informações semelhantes.

Durante esta pesquisa, foram encontradas telhas datadas de 1868, na área central de Santana do Riacho, 1876, em Rio de Pedras, 1928, em Mangabeiras e 1964, em Varginha. Pode-se inferir que as marcas nesses objetos nos dão uma dimensão sobre o período de existência dessas olarias de telhas.



Telha antiga. Fonte: Marcela Eduarda S. Santos . Acervo da autora (2022).



Telha antiga, Varginha. Fonte: acervo da autora (2022).



Telha antiga, Rio de Pedras.
Fonte: acervo da autora (2022).

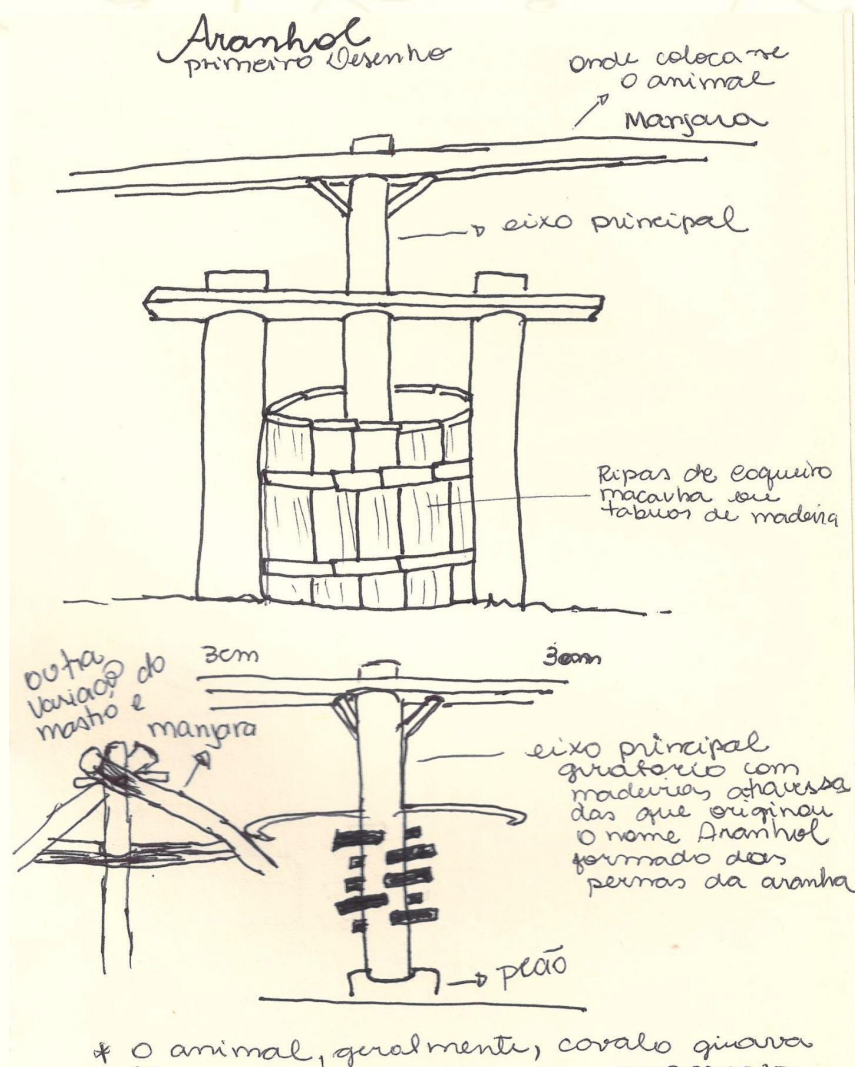


Telha antiga da Mangabeiras.
Fonte: Simonia Machado / Acervo da autora (2022)



Tocante aos processos de fazer as telhas, segundo relatos de meu pai e mestre Raimundo, o barro era retirado do barreiro com uma enxada e sempre na lua minguante, e quanto mais fundo se cavava, melhor era a qualidade do barro. Na Vargem do Redondo, conta meu pai, havia um barro azulado, era barro puro e bom (sem impurezas) e produzia uma telha clara.

O barro era retirado do barreiro com ajuda de várias pessoas, em mutirões, muitas vezes com a participação de mulheres e crianças. Após a retirada do barro, ele ficava secando para ser transportado até uma vala (buraco feito no chão) onde ele era molhado e descansava uns dias ou semanas para ser amassado no aranhol.



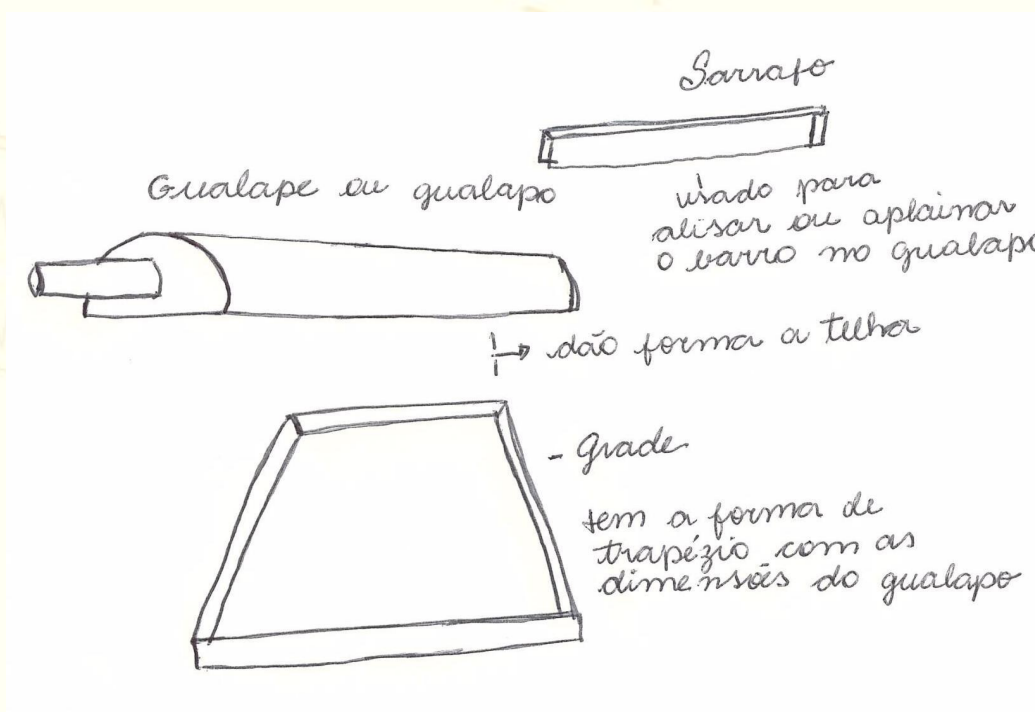
Desenho do aranhol. Fonte: caderno de pesquisa da autora (2022).

Para produzir as telhas, as ferramentas utilizadas eram: a grade, uma espécie de estrutura de metal em forma de trapezóide com 2,5 cm de altura e dimensões da telha, o gualapo (ou gualape), a banca (mesa pequena) e o sarrafo (espécie de régua de madeira). Após a retirada do barro, necessitavam-se três pessoas para a produção. Uma pessoa no aranhol (amassando o barro), uma pessoa (denominada “sarrafeadora”) na banca, e uma pessoa segurando o gualapo (objeto de madeira que possui o formato da telha).

No tocante ao processo, o “sarrafeador” recebia o barro, colocava-o na grade sobre a banca (mesa) polvilhada de areia, e modelava-o na grade, espalhando-o com as mãos e acertando com sarrafo. Em um movimento rápido e com muita destreza, deslizava-o para o gualapo, e nesse momento surge o formato da telha, ainda no gualapo que se desenhavam nas telhas úmidas. Logo após, a telha era colocada enfileirada no terreiro (local aplainado com uma fina camada de areia), onde secava ao ar livre por três a quatro dias.

Técnica semelhante foi apontada em uma pesquisa sobre as fábricas de telha tradicionais na Chapada Diamantina (Bahia) por Eugênio de Ávila Lins, et al. (2017).

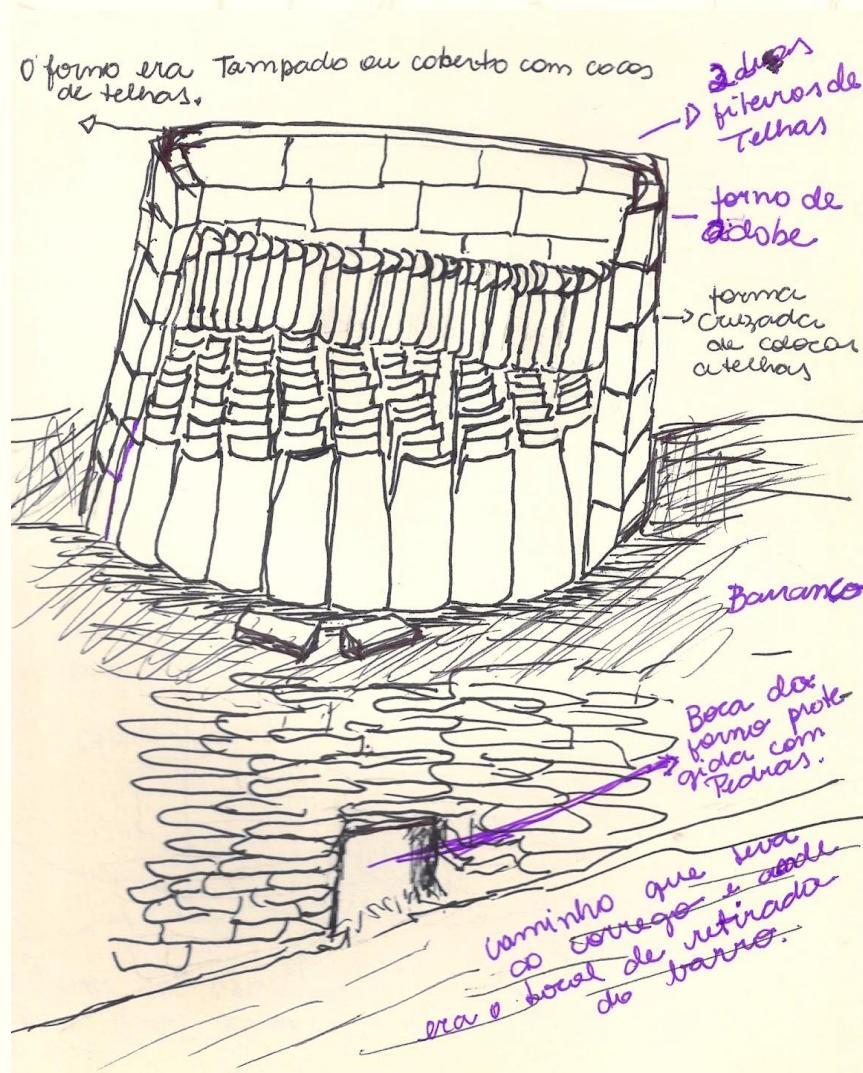
Ferramentas de se fazer as telhas



Fonte: caderno de pesquisa da autora (2022).

Neste município, de acordo com um morador da Varginha, na montagem do forno, as telhas eram enfileiradas em posição vertical, encaixadas uma após a outra e preenchendo a base do forno. Depois, colocavam-se outras fileiras sobrepostas de forma cruzada, e o forno era coberto com cacos de telhas. Os fornos possuíam o formato quadrado e cabiam até três fileiras de telhas, tal informação foi confirmada por meu pai e mestre Raimundo.

Sobre os processos de queima das telhas, recorda meu pai, que meu avô começava a colocar fogo no forno pela manhã, utilizando um fogo bem mansinho, que ia aumentando ao poucos até chegar no ponto certo. A queima terminava no dia seguinte, com a duração de 24 horas ou um pouco mais. Dizia que durante a noite, meu avô via a cor do fogo azulado que saía sobre os cacos e a cor das telhas bem vermelhas, iguais às brasas, sabendo então que era hora de diminuir o fogo.



Desenho da posição das telhas no forno. Fonte: caderno de pesquisa (2022).

No decorrer desta pesquisa, notaram-se diferenças entre os fornos para queima de vasilhas de barro e telhas, dentre as particularidades: o forno das paneleiras é menor e com o formato arredondado. Já o forno das telhas, segundo os sujeitos, era quadrado e maior, com aproximadamente 2,5m de diâmetro. Em ambos os fornos, utilizava-se de um barranco e, nas paredes, quando necessário, utilizavam-se os adobes. Nas localidades do Buracão e Varginha, utilizava-se do mesmo barreiro para a fabricação das telhas e das vasilhas de barro, e todos os sujeitos ouvidos nesta pesquisa respeitam as fases da lua (minguante) para retirar o barro, não trabalhando com a retirada do barro no mês de agosto.

Os fornos da olaria de telhas eram mais próximos do barreiro (local onde se retira o barro) e de uma fonte de água, facilitando, assim, o acesso à água e ao barro. Utilizava-se o aranhol para o preparo do barro: nele, era amassado em maior quantidade. Por suas vezes, os fornos das paneleiras eram um pouco distantes do barreiro, mas em barranco, com uma certa proximidade da casa. O preparo do barro é feito de maneira totalmente manual, segundo elas, porque as vasilhas de barro são melindrosas e precisam de um preparo especial — inclusive, acrescentando areia e outro tipo de argila para melhorar a plasticidade (liga) do barro.



Vestígios do forno da Varginha. Fonte: acervo da autora (2022).



Vestígios do forno do Buracão. Fonte: acervo da autora (2022).

Dentre as localidades visitadas, foram encontrados vestígios de dois fornos das fábricas de telha, um em Varginha e outro no Buracão. No forno da Varginha, é possível localizar as telhas da última queima que não foram retiradas e estão se desfazendo junto ao forno. No Buracão, restou somente a câmara de combustão (parte inferior do forno), denominada na região por fornalha.

Em Vargem do Redondo, Mangabeiras, Poço Verde e Mato Grande de Cima, a vegetação cresce sobre os vestígios dos fornos e não foram localizadas as olarias. Ao centro de Santana do Riacho, a cidade cresceu sobre os vestígios da olaria. Tais olarias eram artesanais, utilizavam-se barraco e adobes, materiais que fazem parte do solo em suas construções, o que facilita o desaparecimento de seus vestígios.

Com o passar do tempo, a fabricação de telhas caiu em desuso pela falta de demanda e/ou pela facilitação das telhas industrializadas. Com isso, as telhas tradicionais, cumbucas, estão desaparecendo dos telhados das casas. Em conversa com pessoas que ainda possuem os telhados com essas telhas, o principal motivo da substituição de telhas antigas pelas industrializadas se dá pela dificuldade de encaixe das telhas, tendo em vista que cada fábrica antiga as fabricava um tamanho diferente.

E com a extinção das fábricas, não encontram-se telhas do mesmo lugar ou do mesmo tamanho. Logo, o telhado passa a ter telhas de vários tamanhos e, com isso, o surgimento de várias goteiras.

Atualmente, são encontradas telhas tradicionais nos telhados de algumas casas antigas, na zona rural, que ainda resistem ao tempo, em currais ou amontoadas nos quintais. Elas correm o risco de desaparecer por completo, principalmente com a demolição das casas tradicionais de terra.



Telhas com grafismos. Fonte: acervo da autora (2022).



*Uma viagem pelas casas
tradicionais de terra*



A casa da minha infância

Percebemos que muitas de nossas lembranças, memórias, têm ligação com uma casa, seja ela a casa de nossos avós ou de nossos pais. Gaston Bachelard (2000, p. 200) nos fala de uma casa natal, diz que quando sonhamos com essa casa sentimos o primeiro calor, um paraíso material onde habitam os seres protetores. A casa natal pode ser entendida como nosso primeiro lugar no mundo; a lembrança dela povoa nossa mente com imagens que trazem à tona nossos primeiros aprendizados, sensações e lembranças de acontecimentos da nossa infância. Nessa casa, habitam nossos afetos.

Dentre minhas lembranças, considero que a casa de meu avô foi minha casa natal. Ela representava as coisas da terra, o cheiro do curral, o cheirinho de terra úmida quando as paredes da casa de adobe eram molhadas pela água da chuva, o quintal cheio de frutas, o cheiro do fogão à lenha. Apesar de ter sido demolida em 2006, ainda permanece viva em minha memória.

Portanto, em nossa casa, em nossa comunidade, em nossa cidade, construímos as nossas memórias.



Casa do meu avô. Fonte: acervo da autora (2003).



Minha avó tirando leite. Fonte: Mirene Ferreira (1976).



Aquarela sobre papel - Casa da minha infância
Fonte: reprodução da autora (2003).



Ao contemplar algumas ruínas das casas de terra no município, as vejo como livros a céu aberto, gravadas em suas estruturas, paredes e cômodos encontradas várias informações. Enquanto se desfazem, nos mostram os processos de sua construção, sua composição, dos diversos materiais utilizados, dos vestígios, das memórias, das histórias e de quem as habitou.

Atualmente, muitos desses livros estão se desintegrando pela ação do tempo e por diversos abandonos. Algumas vezes, as casas de terra são abandonadas porque houve maior interesse pela casa de cimento, por falta de recursos financeiros, ou porque seus moradores foram embora dessa terra.

Entretanto, algumas casas tradicionais de terra são preservadas, porque seus donos retornaram ao município e as recuperaram, e outras mantêm-se, porque seus donos habitam nelas





Casa de Osvaldina , década de 1980 e 2023. Fonte: Osvaldina Martins e a autora (2022).

Atualmente, mestra Osvaldina, mestre Raimundo e filhos estão restaurando a antiga casa de adobe, onde moravam. Ela é utilizada para viver a tradição da terra, fazer farinha de mandioca, e é usada também para armazenar os alimentos colhidos em sua propriedade. A família tem um carinho pela casa, pois nela, também, moraram mestra Leofina e mestra Josefa. Apesar de terem construído a casa de cimento, conservam a casa de terra como lugar de boas recordações.



Casa do Mato Grande de Cima. Fonte: Maria da Conceição Silva (2022).



Casa Galho Grande. Fonte: acervo da autora (2022).

Com o intuito de preservar a casa como memória, os moradores, ao fazerem adaptações nas casas, a citar: substituição do reboco de barro pelo reboco de cimento, substituição das telhas artesanais pelas industrializadas, fazem registros da casa antes e depois da mudança, por meio fotos, ou deixam um recorte nas paredes como registros de como são por detrás do novo reboco de cimento.



Casa do Mato Grande de Baixo

Baseado na memória dos donos, Lindalva (Dalva) e Alfredo (Nenê), a data da construção ocorreu no ano de 1983. O casal morou no local até 1990, mas tiveram que mudar-se para Belo Horizonte. Porém, voltaram a morar no município em 2017 para reviver a tradição local. Construíram uma casa nova de cimento, para um maior conforto, mas se identificam com a casa terra. Relata a dona da casa que sempre cozinha no fogão à lenha e passa a maior parte do seu tempo na casinha de terra, pois nela tem boas lembranças e uma sensação de bem estar.

Durante o tempo em que moravam em Belo Horizonte (1990 a 2017), a casa era usada para as férias dos filhos e visitada por várias pessoas como casa de veraneio. Relatou-me a primogênita do casal, que escrevera algumas frases na parede da casa. E após esse evento, as pessoas que os visitavam deixaram seus registros, seus vestígios, suas memórias nas paredes externas da casa. Entre os escritos há datas, nomes, desenhos e declarações de amor, enfim, marcas de presenças.



Fonte: acervo de Dalva Ferreira (1989).



Fonte: acervo de Dalva Ferreira (2003).



Fonte: acervo da autora (2022).

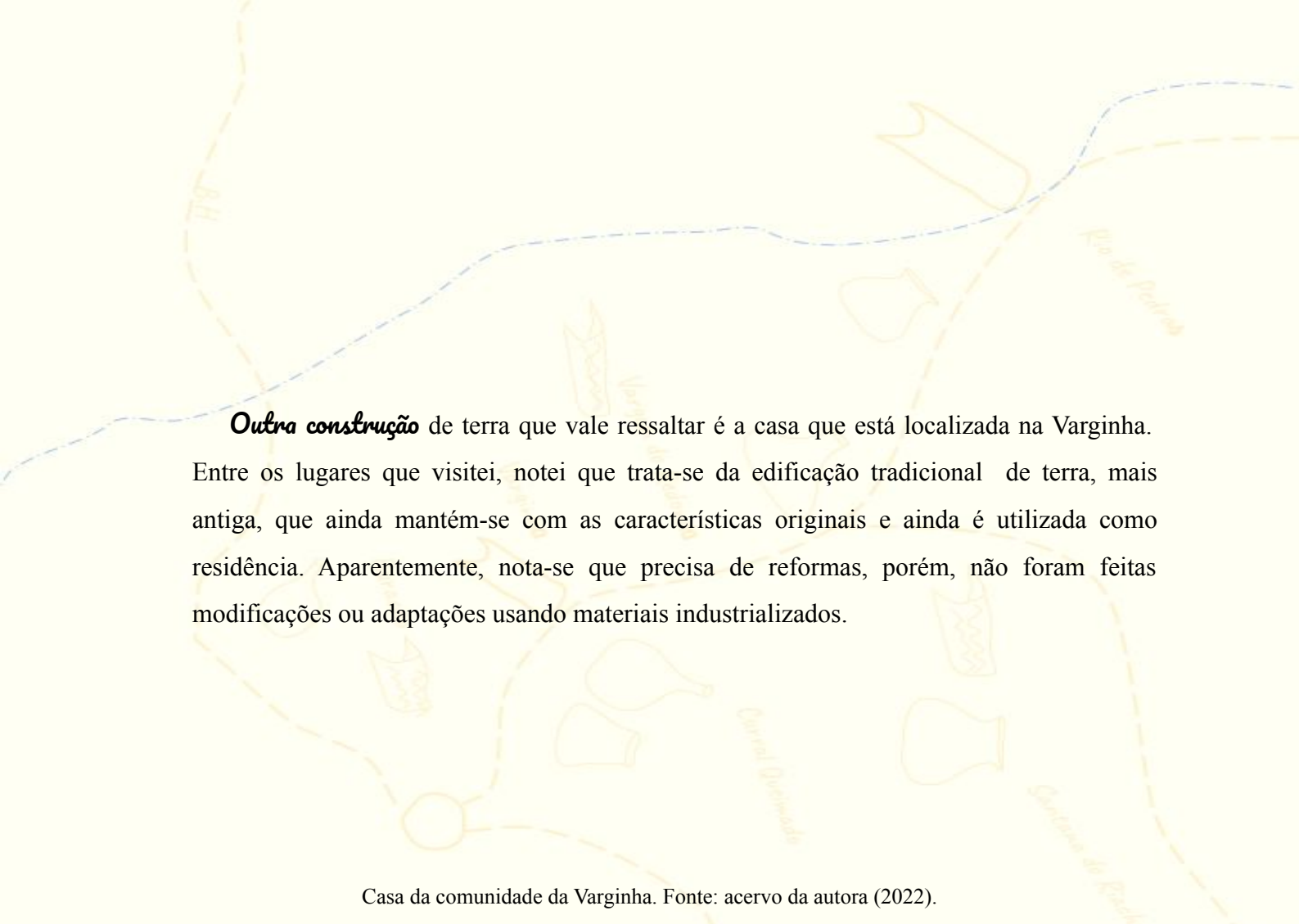
O dono da casa tem barreado-a com o barro branco (argila branca) para protegê-la do desgaste que ocorre com as chuvas e, com isso, as escritas estão desaparecendo. Relatou-me com um certo pesar ao ver as escritas desaparecendo, mas o processo de barrear faz parte da manutenção da casa e é necessário para a sua preservação.

Tal casa é preservada pelo afeto e pelo carinho que a família tem por ela. Por isso se tornou um tesouro (um patrimônio).



Coisas da Terra





Outra construção de terra que vale ressaltar é a casa que está localizada na Varginha. Entre os lugares que visitei, notei que trata-se da edificação tradicional de terra, mais antiga, que ainda mantém-se com as características originais e ainda é utilizada como residência. Aparentemente, nota-se que precisa de reformas, porém, não foram feitas modificações ou adaptações usando materiais industrializados.

Casa da comunidade da Varginha. Fonte: acervo da autora (2022).



Ao visitar a comunidade do Mato Grande de Cima, em busca de vestígios das antigas olarias, vi a imponência das ruínas do sobrado. Ele foi citado no livro de José Carlindo Ferreira (1999, p. 60), que relata: “a primeira casa que visitei foi a Fazenda Velha de João Antônio. Mora lá o seu filho, conhecido como Zito de João Antônio. Uma casa de sobrado com varanda”.

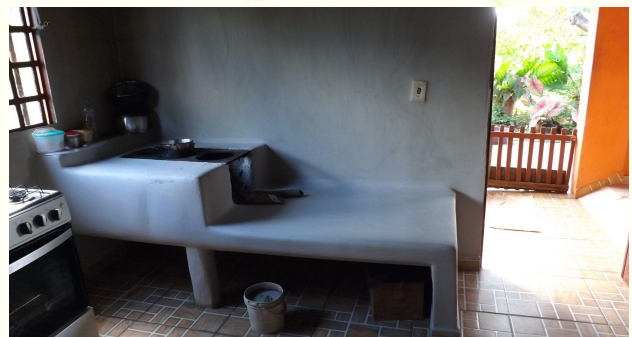
Ao conversar com o dono da propriedade, filho do Zito (um dos herdeiros do sobrado) relatou que sonha em restaurar a casa de seus antepassados, e que fez a sua casa atual em frente ao sobrado. A imagem vista de sua janela mais parece uma pintura de uma ruína, uma imagem que evoca suas memórias.



Nas casas tradicionais mais antigas, o barro branco (argila) era passado não somente nas paredes externas e internas das casas, mas também, no piso de chão batido e no fogão feito de terra e barro. Lembro-me que a cozinha ficava toda branquinha, pois tínhamos a prática de pintar a casa e o fogão com o barro. Essa técnica era chamada de barrear, eu mesma já barreei o fogão de nossa casa, já que era uma tarefa executada por mulheres e crianças. Em alguns lugares que visitei, ainda encontrei esse tipo de fogão e a prática de barrear os fogões e as paredes, entre as localidades da área rural de Mangabeiras, Ribeiro Comprido e Mato Grande de Baixo.



Fogão de barro e prateleira da casa em Gado Bravo. Fonte: acervo de Poliane Cristina Rodrigues (2022).



Fogões de barro em Mangabeira e em Ribeiro Comprido. Fonte: acervo da autora (2022).



Casas tradicionais na área central de Santana do Riacho. Fonte: acervo da autora (2022).



Casas no Curral Queimado. Fonte: acervo da autora (2022).



Moinho d'água e casas no Mato Grande de Cima. Fonte: acervo da autora (2022)



Entrada da casa Gado Bravo. Fonte: acervo de Poliane Cristina Martins (2022).

Fundos da casa Gado Bravo. Fonte: acervo de Poliane Cristina Martins (2022).



Casa na Lapinha da Serra. Fonte: acervo de Vilmar da Lapinha (2022).

Casa na Lapinha da Serra. Fonte: acervo de Vilmar da Lapinha (2022).

Outra relação com o barro que envolvia a sobrevivência doméstica era a confecção da tuia de barro, ou tuia de balaio. Para a confecção desse objeto, utiliza-se um balaio, água e uma mistura de barro (argila) ou tabatinga com estrume de boi, ou terra de formigueiro com estrume de boi.

Para a confecção da tuia, é necessário misturar o barro e o estrume de boi, fazendo uma massa consistente, e passá-la na parte interna do balaio, deixando ao sol por alguns dias até secar por completo. Essas tuias eram usadas para estocar algumas leguminosas, a citar: feijão, feijão andu, feijão miúdo e amendoim. Também era um recurso para substituir a tuia de madeira.

As leguminosas, antes de serem armazenadas nas tuias de barro, eram envolvidas na terra de formigueiro ou na tabatinga, e esse procedimento era denominado de *cura* da semente. As sementes eram cobertas com a terra de formigueiro ou tabatinga, expostas ao sol e, depois de secas, armazenadas nas tuias, onde se preservam por um ano sem a presença de pragas.

Todos os procedimentos de feitura da tuia e o processo de *cura* eram executados sempre na lua minguante, seguindo as orientações desde o tempo *dos antigos*. Tal recurso caiu em desuso, atualmente os produtores rurais armazenam as sementes em garrafas PET (quimicamente conhecido como tereftalato de polietileno).



Fonte: acervo da autora (2022).



Um giro pelas manifestações culturais no município

The map features several place names: 'Rio de Pedras' at the top right, 'Vila Nova de Minas' in the center, 'Bom Jardim' on the left, 'Cidade de Minas' at the bottom, and 'Cidade de Minas' at the bottom right. Cultural icons include a crown, a chalice, a bottle, a glass, a bowl, and a flame.



Uma cidade pode ser observada e compreendida também por meio de sua cultura, de sua memória e de suas tradições. Esse conjunto pode ser refletido naquilo que na cidade é entendido como valor de patrimônio, quer seja material ou imaterial. Para Regina Abreu e Mário Chagas (2009, p. 35), a palavra “patrimônio” vem da ideia de propriedade, que de forma etimológica, é entendida por herança paterna. No sentido jurídico, refere-se a bens de apreciação econômica pertencentes a uma pessoa física ou jurídica. Mas foi a partir da Revolução Francesa que o significado da palavra “patrimônio” saiu do contexto de bens da nobreza e do privado e passou a integrar a ideia de bem comum. Vale ressaltar que a noção de patrimônio surge a partir do sentimento de perda e da necessidade de salvar indícios do passado ameaçados de extinção.

Segundo Natália Guerra Brayner (2012, p. 18) diz que os bens culturais materiais ou bens tangíveis “são paisagens naturais, objetos, edifícios, monumentos e documentos. Os bens culturais imateriais estão relacionados aos saberes, às habilidades, às crenças, às práticas, aos modos de ser das pessoas.” Desse modo, a título de exemplo, pode ser entendido como “patrimônio” o objeto “casa” e a forma ou jeito como as pessoas fazem suas casas.





A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO, 1989, p. 2) traz as definições sobre cultura tradicional, entendida como parte integrante da expressão de identidade cultural e social de uma comunidade. Os valores se transmitem de forma oral, por imitação ou outras formas, e também como uma comunidade compreende a língua, o artesanato, a literatura, a dança, mitos, a música, os rituais, os costumes, a arquitetura e outras artes.

Conforme o texto acima, Brayner (2012, p. 7), fala que a cultura envolve “ a linguagem com que as pessoas se comunicam, contam suas histórias, fazem seus poemas, quanto a forma como constroem suas casas, preparam seus alimentos, rezam, fazem festas. Enfim, suas crenças, suas visões de mundo, seus saberes e fazeres.”

Desse modo, entende-se que o patrimônio imaterial do município de Santana do Riacho também está ligado às festividades religiosas, a citar como exemplos: a festa de Sant’Ana, congado, rezas, festas do divino, cavalgadas, dança de quadrilha, batuque, comidas típicas, lendas, manifestações artísticas, artesanato, suas tradições e costumes que formam as características de sua cultura.



À esquerda, Festa de Sant'Ana: procissão, cavalgada, carreata e procissão motorizada. Fonte: acervo da autora (2022).

À direita, congados convidados. Fonte: acervo da autora (2022).

As festas religiosas têm um papel agregador que interligam as comunidades. Algumas festas religiosas são exemplos da tradição local, e uma delas é a festa de Nossa Senhora de Sant'Ana (Mãe de Maria), a padroeira do município. A festa é celebrada sempre no mês de julho. Em 2022, época desta pesquisa, o evento aconteceu do dia 14/07 e encerrou-se no dia 24/07, com celebrações de missas, procissões, queima de fogos, leilões de animais, cavalgadas, procissão motorizada e apresentações de congados (tanto do município quanto da região metropolitana de Belo Horizonte). E durante todos os dias de festa havia, também, barraquinhas, shows e comidas típicas.



O Canto do Divino também faz parte da cultura local. As pessoas realizam o Canto do Divino em suas casas e agradecem ao Divino Espírito Santo por uma graça recebida, geralmente, algo relativo a cura de enfermidade.



Canto do Divino. Fonte: acervo da autora (2022).



Festa da Padroeira da Varginha
Nossa Senhora Aparecida
Fonte: acervo da autora (2022).

Festa de Santa Luzia em Mangabeiras.
Fonte: acervo da autora (2022).

Fonte: acervo de
Simonia Machado
(1986).



Congado na Festa de Nossa Senhora do Rosário
Fonte: acervo de Simonia Machado (1986).

Ainda sobre o patrimônio imaterial, resistindo ao tempo e as transformações socioculturais, o congado denominado *Guarda de Congado Nossa Senhora do Rosário da comunidade de Mangabeiras – os Bonés Vermelhos* mantém sua memória através da oralidade. Portanto, não se sabe a data exata de seu surgimento, mas estima-se que tenha surgido há mais de 100 anos. Dentre seus participantes encontram-se crianças, mulheres e pessoas idosas que fazem apresentações dentro e fora do município de Santana do Riacho.

No dia 12 de junho de 2022, aconteceu um evento na Associação de Moradores da Comunidade de Mangabeiras para homenagear o mestre Juca (*in memoriam*). Acredita-se que ele seja um dos fundadores do congado. A memória do congado estava, ali, representada no festejo com as famílias de vários congadeiros presentes.



No local havia murais com imagens e frases que apontavam sobre a preservação e valorização desta tradição, e uma conscientização de que tal manifestação trata-se de um patrimônio imaterial.

A Guarda do Congo de Nossa Senhora do Rosário surgiu há mais de 100 anos. A tradição do congado é mantida pela troca de informações que os idosos são capazes de realizar com as novas gerações, numa tentativa de manter viva uma história e o patrimônio imaterial. Os festejos são conduzidos pelo reinado e todos cantam e dançam em louvor à Nossa Senhora. Atualmente, a Guarda de Nossa Senhora do Rosário da comunidade de Mangabeiras conta com mais de 20 integrantes, entre eles crianças, jovens e mulheres de 7 a 80 anos. A fé em Nossa Senhora do Rosário tem demonstrado a força que une todo o grupo de congadeiros, que também tem sua origem na luta contra a opressão sofrida pelos escravos. (Associação de Moradores de Mangabeiras, 2022).



A participação das crianças nos eventos culturais são importantes para que elas criem boas memórias sobre as práticas, ainda que seja uma simples brincadeira com instrumentos do congada ou brincadeiras com barro.



Fonte: acervo da autora (2022).



Os sabores

Além da comida com gosto de gordura de coco, a rapadura, o doce de leite, o doce de feijão andu, o bolinho de feijão miúdo são alguns dos sabores da culinária de Santana do Riacho.

No Buracão, a tradicional farofa de feijão andu se transformou em tropeiro de feijão andu, servido com peixe frito.



Fonte: acervo da autora (2022).



Fonte: acervo da autora (2022).

Ao voltar do Mato Grande de Cima, passei pelo Curral Queimado, fui prosear com pessoas que faziam mutirão para quebrar o coco macaúba ou o coco de espinho. Após a retirada da polpa externa do coco para a extração do azeite, ele é quebrado de forma manual e das suas castanhas, extrai-se o óleo de coco (antigamente chamado de gordura de coco), usado na culinária local. A extração do azeite de coco macaúba é também uma prática tradicional no município, sendo ele a matéria prima para a fabricação de sabão caseiro. E tanto o óleo quanto o azeite são usados na medicina popular e como cosméticos.

Lembro-me, quando criança, que os cruzeiros eram lugares de pagamento de promessas e oração. Quando havia estiagem prolongada, buscávamos água e pedras no Rio Cipó. As mulheres carregavam os potes de barro cheio de água sobre a cabeça e as crianças carregavam os seixos do rio, e levávamos até os cruzeiros, rezando e pedindo chuva. Dias depois da penitência, a chuva caía. Esse ritual caiu em desuso, mas ainda há pessoas que colocam pedras no pé dos cruzeiros, fazendo referência a esse antigo costume.



Fonte: acervo da autora (2022).

Antigamente, nas rezas, conta meu pai, as amêndoas eram colocadas em corações de papelão decorados com papel crepom, os quais eram arrematados nos leilões por rapazes que presenteavam as moças a quem queriam pedir em namoro. Tal costume está em desuso diante das mudanças sociais e tecnológicas, mas as amêndoas continuam sendo utilizadas. Entretanto, são colocadas em outros tipos de embalagens.



Fonte: acervo da autora (2022).

Versos do batuque:

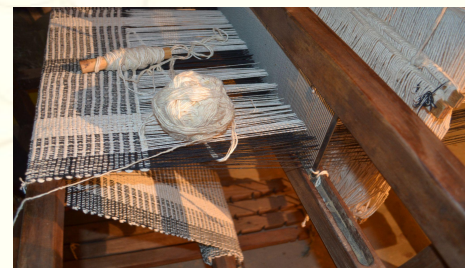
“Tira o fogo e põe a água, senão canjica queima”

“Perdiz piou no campo, parecia siriema, quem me trouxe nesta terra foi uma Rocha morena.”



Fonte: acervo da autora (2022).

Por meio dos saberes das fiandeiras e tecelãs, o algodão era colhido para fiar o pavios, fazer a linhas e barbantes. As tecelãs teciam os pavios nos teares, transformando-os em tecidos para confeccionar vestimentas e roupas de cama. Em minhas andanças pelo município, encontrei na comunidade da Mangabeiras uma fiandeira que herdou o tear de sua avó materna, e tem dando continuidade à tradição de tecer. Porém, atualmente, usam-se os fios industrializados. Sendo assim, o costume de colher o algodão e fiar os pavios caiu em desuso, e as rocas (rodas de fiar) e fusos transformaram-se em objetos de memória, ou de decoração.



Fonte: acervo da autora (2022).



Sou caipira

Sou lá da roça
Sou de outra gente
Sou de outra raça
Se princípios diferentes
Gente que apesar da simplicidade
Tem muita coisa para ensinar
Gente que preza seus princípios caboclos
Que fala pouco
E faz muito
Gente recatada quieta no seu canto
Não incomoda para não ser incomodada
Gente promissora
Que conspira com a terra
E respira com cheiro da lavoura

Poema de Maria Elisa dos Santos (2017, p. 91)



Um lugar também pode ser observado por meio seus poemas, suas estórias (causos) e do seu imaginário popular. Uma dessas estórias é a de assombração, lembrou-me mestre Raimundo Marcolino. Ele disse que a ouviu de seus antepassados quando era menino, e eu também a ouvi em minha infância, sob a luz da lamparina, sentada no aterro do fogão à lenha. A estória (com adaptações de algumas palavras) acontece assim:

Segundo *os antigos*, lá para os lados do Mato Grande de Cima, havia um homem que vendera sua alma ao Demo, ao Bicho Ruim. Contava-se que o homem era muito rico e escravizava as pessoas. E no dia do seu funeral, os moradores levavam seu caixão em cortejo fúnebre à Santana do Riacho. Diziam que o caixão estava muito pesado, sendo carregado com muita dificuldade por quatro pessoas e, assim, seguiam pelo caminho lentamente. Na estrada, entre o Mato Grande de Cima e Santana do Riacho, em uma encruzilhada, dois homens bem altos, fortes e de boa aparência esperavam o cortejo e lhes ofereceram para levar o caixão. Os carregadores sentiram-se aliviados, pois o caixão estava muito pesado. Assim que os dois homens pegaram o caixão, um disse ao outro:

— Pegou Tomás?


e logo o outro respondeu:

— Peguei até demais!

E após pegarem o caixão, apertaram-se os passos. O cortejo não conseguiu acompanhá-los e logo, perdeu-os de vista. Depois de algum tempo de caminhada, o cortejo chegou ao cemitério de Santana. Avistou-se o caixão e, ao abri-lo, no lugar do morto havia somente um tronco de bananeira. Ninguém da cidade deu notícia dos dois homens, cujo um deles chamava-se Tomás.

(Conto de domínio popular do município de Santana do Riacho, adaptação nossa)





Um ou uma viajante, ao conhecer uma cidade, buscar prostrar com os moradores, principalmente com os *mais velhos*: um avô ou uma avó, pois eles podem nos ensinar por meio de suas memórias, de experiências, e nos dizer sobre as transformações da cidade. Como nos diz Bosi (2003, p. 15), eles são “mediadores entre a nossa geração e as testemunhas do passado”.

No texto a seguir, consta um ajuntamento de estórias (causos) que ouvi, além de observações pessoais que fiz durante a pesquisa.



Ouvindo o "mais velho"

— Não se pode negar, moça, que a vida na roça mudou. Antes, sob a luz das lamparinas, das fogueiras, a gente contava os causos, as estórias que ninguém arriscava falar que era mentira, por mais esquisita que fosse, senão, tava afrontando o sujeito contador. A gente tocava viola, sanfona, cantava e sapateava até derrubar assoalho em roda de batuque e bebia cachaça até raiar o dia. Em dia lida, quando tinha eito de roça para capinar, a vida começava cedo, a gente acordava com as galinhas, e não tinha essa coisa de televisão, celular e nem de internet pra tirar o tempo da gente.

— Sim, moça! Hoje, as coisas da cidade grande veio de mudança pra cá, melhorou muito, tá tudo evoluído, tem energia elétrica, internet, celular, tem as casas de cimento com piscinas e com água encanada, agora, não se usa a bica d'água e as minas secaram. Os sobrados de adobe e pau a pique? Tá tudo caindo! Consertar essas casas dá muito trabalho, o mundo agora é outro, essas coisas não se usa mais!

— Hoje em dia, moça, para viajar por essas terras, o carro motorizado leva a gente para todo lado, as mulas e os cavalos podem descansar, até porque se ocê quiser arrear um deles para viajar longas distâncias, como era antigamente, vai aparecer um sujeito de fora falando que é maus tratos com o animal. Os de fora não entendem que andar a cavalos faz parte da nossa tradição. Num tempo antigo, o dos tropeiros, até as telhas eram transportadas nos lombos dos animais, era bonito ver os animais enfileirados com os balaio pendurados nas cangaias, eu gostava de ouvir o barulho da troperagem, era bonito o tinido dos sinos no peitoral da mula de guia

— Sabe, moça! A vida na roça tinha dificuldades, mas também era boa. Antigamente, havia muita roça de milho, de feijão, de arroz, mandiocal e de outras coisas, e colhíamos tudo com muita fartura. Hoje em dia, pouca gente tá plantando roça, é só ir na venda grande, um tal supermercado. Lá, o feijão, o fubá, o arroz vem tudo ensacado em pequenas quantidades, não precisa ter a trabalhadeira toda de plantar, capinar, colher e estocar. Com isso, até acabou aquela festança da Chegada do Pé de Milho, a gente cantava no eito de capina o dia todo e no fim do dia passava nas casas com a cantoria, vestidos de pé milho e bebendo cachaça. Eita, tempo bão! Também, não existem mais as tuias de balaio

com barro de telha, ninguém cura feijão com terra formigueiro e tabatinga. Acabou a “Boiadeira”, tenho saudade daquela cantoria bonita, tocada com o barulho da enxada na terra, que se ouvia de longe. Em eito grande de roça, com muito trabalhadores, a gente se dividia em grupos, e cada grupo cantava com uma voz diferente, um grupo por vez. Às vezes, começavam com a cantiga com as vozes grossas e terminava com as vozes bem fina, aquilo ecoava nas bocainas. Muita coisa tá acabando, quase não se vê as vasilhas de barro, tudo é de plástico e alumínio, não tem água fria nos potes, agora é da geladeira.

— Ô, Moça! O povo da cidade grande tá mudando pra cá! O caipira fatia seu terreno como se fosse um queijo para vender pros de fora. Os de fora vem e deixam o lixo. Outro dia, uma vaca minha morreu engasgada com sacola de plástico, eles jogam o lixo nos altos das estradas e o lixo desce para as águas e vai sujando tudo por aí a fora. Dizem que eles vêm pra cá pra ter sossego e ter contato com a natureza, porém tira o sossego e a natureza da gente. É! Quando os “mais velhos” forem embora, descansar com Nosso Senhor, não vai sobrar nem essas estórias.

— É... moça! A vida aqui na roça mudou e o mundo também!



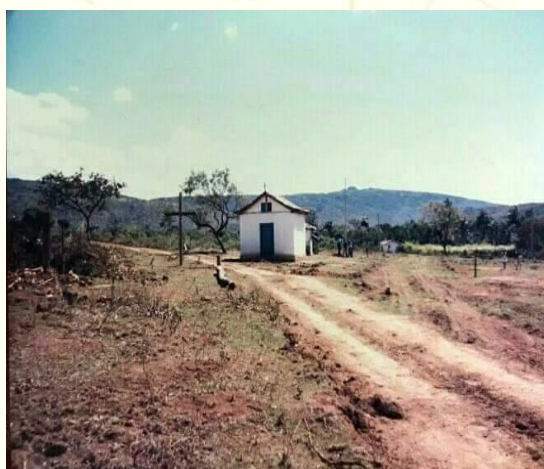
Chegada do pé de milho.
Fonte: acervo da profª. Maria Helena Lopes Ferreira Torres. (sem data).



Trabalhadores chegando do eito de roça.
Fonte: acervo da profª. Maria Helena Lopes Ferreira Torres. (sem data).

O *Município* de Santana do Riacho tem seguido um fluxo de transformações, sejam elas nas paisagens urbanas, rurais e nos contextos socioculturais. Algumas mudanças acontecem devido às interferências externas, tendo como exemplos o turismo e a expansão imobiliária. O turismo é um dos principais reforçadores da expansão imobiliária, sobretudo, dos condomínios e das casas de campo. Isabel Beatriz R. de Moura (2018, p. 111) diz que “a *Serra* tornou-se alvo de casas de veraneio, loteamentos, grandes construções, dentre outros”.

Tais transformações contribuem para o aceleração do parcelamento agrário nas áreas rurais. E com isso, as comunidades passam a ter características e problemas inerentes às áreas urbanas, tais como: falta de água, problemas com lixo e resíduos de esgoto, energia, poluição sonora e mudanças profundas no modo de vida.



Igreja São Sebastião, em Lapinha da Serra.
Fonte: Bráulio Braga (1996).



Igreja São Sebastião, em Lapinha da Serra.
Fonte: acervo da autora (2022).



Área central de Lapinha da Serra.
Fonte: Bráulio Braga (1996).



Área central de Lapinha da Serra.
Fonte: acervo da autora (2022).

Considerações da autora

As experiências vividas por mim, durante esse trabalho, trouxeram-me vários aprendizados, um deles sobre a importância do lembrar. E que neste processo de lembrar é que a memória de uma comunidade se mantém viva. Sendo assim, os saberes tradicionais e as manifestações culturais continuarão vivos se os membros da comunidade mantiverem o trabalho contínuo de lembrar e praticar seus costumes.

Seguindo esse raciocínio, o batuque só continuará se a comunidade dançar. Casas tradicionais de terra só ficarão “em pé” se as pessoas permanecerem cuidando delas. As vasilhas de barro continuarão existindo se mais pessoas do município aprenderem a levantar os potes.

Os causos e as histórias que envolvem o imaginário desse município só permanecerão se as crianças ouvirem dos velhos. E isso não se trata de viver na “saúde de antigamente”, mas é necessário que os saberes tradicionais, as histórias e as lembranças sejam transmitidas às gerações futuras que, provavelmente, serão mais tecnológicas e estarão em um mundo mais mudado e globalizado, podendo valorizar a ciência de seus antepassados, os costumes e saberes dessa terra.



Referências

ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (org.). **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: Editora Lamparina, 2009;

ALEXANDRE, Jonas Rizzo. Idamara. Garcia, Fernanda. **Caminhos de Barro: nossa história**. Campos dos Goytacazes, RJ, EdUENF, 2020;

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo, 2000;

BRAYNER, N. **Patrimônio cultural imaterial: para saber mais**. Brasília, DF, 2012.
Disponível em:
http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/cartilha_1__parasabermas_web.pdf. Acesso em: 4 jul. 2022;

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo, Companhia das Letras, 2004;

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo, Ateliê, 2003;

CASTRIOTA, Leonardo Barci. **Mestres artífices de Minas Gerais**. Brasília, DF. Iphan, 2012.

CHAVARRIA, Joaquim. **A cerâmica**. Lisboa, Editorial Estampa Ltda., 2004;

FAGUNDES, Arlindo. **Manual Prático de Introdução à Cerâmica**. Editorial Caminho, Lisboa, 1997.

FERREIRA, José Carlindo dos S. **Memórias de um Recenseador**. Belo Horizonte, Edições Cipó Voador, 1999;

FRICKE, Johnn. **A cerâmica**. Lisboa, Editorial Presença, 1992;

AGROECOLÓGICO, Giro - **Dona Osvaldina** - Santana do Riacho/MG, YouTube - 2022.
Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nYodPIWDa5M&t=26s>. Acesso em: 19 nov. 2022.

HISTÓRIA. **Santana do Riacho**, 2020. Disponível em:
https://www.santanadoriacho.mg.gov.br/detalhe-da-materia/info/historia/6508#uc_painel_ctl06_div_imagens. Acesso em: 19 jul. 2021;

LACERDA, Sergio. **Serra do Cipó: Origens**. 1ª ed. Belo Horizonte. Editora Independente, 2022;

LINS, Eugenio de Ávila; SANTANA, Mariely Cabral de. **Mestres Artífices - Bahia, Cadernos de Memória**. Brasília, DF, IPHAN. Salvador, UFBA, 2017. Disponível em: portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/colcadmem_mestresartificeis_bahia_m.pdf. Acesso em: 4 jul. 2022;

MOURA, Izabel Beatriz Rodrigues. **Conflitos socioambientais na unidade de conservação**: Parque Nacional da Serra do Cipó, Minas Gerais. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/29372/5/ConflitosSocioAmbientaisNaUnidade.pdf>. Acesso em: 4 jul. 2022;

OLIVEIRA, Joice Saturnino. **Espaço de fazer saberes**: um estudo das interfaces da arte e do conhecimento popular. Belo Horizonte. 2014. 194 f. Tese (Doutorado em Artes) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal de Minas Gerais, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/EBAC-A47ERP>. Acesso em: 4 jul. 2022;

PRADO, Jaqueline. **A arte da cerâmica de Minas Gerais**. Belo Horizonte: C/Arte, 2016;

PROUS, André. **Arqueologia Brasileira**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1992;

SANTANA do Riacho. IBGE, [2022]. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/santana-do-riacho/historico>. Acesso em: 4 jul. 2022;

SANTOS, Maria Elza. **Pelos Caminhos**. Editora Novos Olhares, Belo Horizonte, 2017;

SNOW, Charles T. ABREU, José Eustáquio Teixeira de. **A cerâmica neo-brasileira em regiões vizinhas a Belo Horizonte/MG** - Um estudo da produção atual. UFMG, 1976. Disponível em: <https://www.ufmg.br/mhnbj/wp-content/themes/mhnbj/docs/revista-arquivos/vol02/Vol02-07.pdf>. Acesso em: 05 jan 2023;

UNESCO. Organização para a Educação, a Ciência e a Cultura. **Recomendação Sobre a Salvaguarda da Cultura Tradicional e Popular**. Paris, de 15 de novembro de 1989. Paris: UNESCO, 1989. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Recomendacao%20Paris%201989.pdf>. Acesso em: 4 jul. 2022.

Glossário

Areia adicionada à argila: tem a função do chamote, que é pó de cerâmica.

Boiadeira: um tipo de cantoria que, em oito grande capina, eram cantadas músicas e versos que iam do grave ao agudo

Chegada do pé de milho: um tipo de festa ligada a agricultura em que os trabalhadores, ao fim de um dia de oito de capina, voltavam para suas casas cantando, usando a enxada com instrumento musical e vestidos de pé de milho.

Eito de capina ou oito de roça: pedaço da lavoura que cada trabalhador(a) planeja para capinar.

Estória: a palavra foi utilizada neste trabalho não somente para os relatos ficcionais, mas também, para relatos dos sujeitos, *causos* que podem ser verdadeiros, mas que não podem ser confirmados por documentos ou outras fontes além da memória. A palavra “estória” representa uma características dos contadores de *causos*. Deve-se ressaltar que essa palavra foi usada por João Guimarães Rosa (1962, p. 27) no livro “Pequenas Estórias”. O autor diz: “Esta é a estória” ao começar o primeiro capítulo. Particularmente, a palavra representa os ensinamentos que nos são repassados por meio dos *causos* que ouvi em roda de contadores à beira das fogueiras em minha infância

Forno Anagama: trata-se um forno tradicional da cultura asiática. A palavra *Anagama*, na língua japonesa, é a união das palavras *buraco* e *forno*. Para construção do forno, utiliza-se um solo com declive, onde se cava um túnel para sua confecção. A queima, neste tipo de forno, pode durar, em média, 3 noites. Ao atingir alta temperatura, vitrifica as peças, resultando em uma esmaltação produzida pelas cinzas e pelos componentes da argila.

Maria Elisa dos Santos: Poeta riachense moradora na área central de Santana do Riacho.

Mestre Fernando Limoeiro: Fernando Antônio de Melo, nascido em Limoeiro, Pernambuco. Com influências das artes do sertão nordestino e da convivência com mestres de Pernambuco, ele se especializou na cultura do mamulengo. Vive em Belo Horizonte há mais de 30 anos, é professor e vice- diretor do Teatro Universitário e diretor da Trupe a Torto e a Direito - programa Pólos de Cidadania da Faculdade de Direito da UFMG.

Pavios: roletes ou rolinhos de argila utilizados para modelar os potes.

Roça: lavoura, dependendo do contexto, também, significa vida no campo.



Informações e créditos das imagens.

Página 04 - Neto de Osvaldina, trabalhando o barro. Fonte: acervo da autora (2022).

Página 06 - Montagem de exposição conjunta no Grupo de Pesquisa Cultura do Barro, na UFMG. Fonte: acervo da autora (2015).

Página 07 - Objetos de cerâmica no quintal de uma casa, na Varginha, datado de 1962. Fonte: acervo da autora (2022).

Páginas 08 e 44 - Telhas com grafismos nas comunidades da Varginha e Mangabeiras. Fonte: acervo a autora (2022).

Página 10 - Fundos da casa na comunidade da Varginha. Fonte: acervo da autora (2022).

Página 12- Praça de Santana do Riacho. Fonte: acervo da autora (2022).

Página 14 - Paisagem da LMG 816, onde se avista a Cidade de Santana do Riacho. Fonte: acervo da autora (2022).

Página 15 e 16 - Botija (em uso) e pote antigo de mestra Leofina, na comunidade da Varginha. Fonte: acervo da autora (2022).

Página 17 - Telhas em amontoadas em Mangabeiras. Fonte: acervo da autora (2022)

Página 18 - Mestra Osvaldina subindo o pote. Fonte: acervo da autora (2022).

Página 19- Osvaldina cavando o barreiro antigo no Buracão. Fonte: acervo da autora (2022).

Página 19 - Mestra Osvaldina sentido a textura do barro. Fonte: acervo da autora (2022).

Página 21 - Mestra Osvaldina sentido a textura do barro. Fonte: acervo da autora (2022).

Página 27 - Vasilhas de barro de mestra Osvaldina. Fonte: acervo da autora (2022).

Página 31 - Mestra Osvaldina finalizando a panela de gordura. Fonte: acervo da autora (2022).

Página 33- Objetos de barro no forno durante a queima. Fonte: acervo da autora (2022)

Página 38 - Mestra Osvaldina a caminho do barreiro. Fonte: acervo da autora (2022).

Página 41 - telhado na antigo na Varginhaa. Fonte: acervo da autora (2022)

Página 51 - Casa tradicional de terra no Curral Queimado. Fonte: acervo da autora (2022).

Página 53 - Sobrado do Mato Grande de Cima. Fonte: acervo da autora (2022).

Página 55 - Fogão à lenha, no Mato Grande de Baixo. Fonte: acervo da autora (2022).

Página 57- Parte interna da casa de terra de mestra Osvaldina. Fonte: acervo da autora (2022).

Página 58 - Casa tradicional de terra na Varginha. Fonte: acervo da autora (2022).

Página 59 - Vista da janela, o sobrado do Mato Grande de Cima. Fonte: acervo da autora (2022).

Página 64 - Canto Divino na comunidade do Buracão. Fonte: acervo da autora (2022).

Página 65 - Cruzeiro, no Ribeiro Comprido. Fonte: acervo da autora (2022).

.Página 66 -Mulher rezando o terço. acervo da autora (2022).

Página 68 - Cavalgada na festa de Santa Luzia, em Mangabeiras. Fonte: acervo da autora (2022).

Página 70 - Guarda de Congado da Mangabeiras. Fonte: acervo da autora (2022).

Página 71 - Mestre Raimundo na Festa de Santa Luzia, em Mangabeiras. Fonte: acervo da autora (2022).

Página 75 - Mulher no tear em de Mangabeiras. Fonte: acervo da autora (2022).

Páginas 76 - Junta de boi após a moagem da cana. Fonte: acervo da autora (2022).

Página 77 - Paisagem a caminho de Rio de Pedras. Fonte: acervo da autora (2022).

Página 78 - Amazonas que faziam a travessia de Lapinha da Serra à Conceição do Mato Dentro. Fonte: acervo da autora (2022).

Página 82 - Rio de Pedras, fronteira entre Santana do Riacho com Santana do Pirapama. Fonte: acervo da autora (2022).

Página 84 - Lagoa da Lapinha, na época da Seca, em 2012. Fonte: acervo da autora (2022).

